



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE
NACIONAL

GRACIELA EURIDES COSTA

NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS E A FORMAÇÃO DE
PROFESSORES E DE PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL

GOIÂNIA

2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Graciela Eurides Costa

3. Título do trabalho

Narrativas autobiográficas e a formação de professores e de professoras de educação física na educação infantil

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Luana Zanotto, Professora do Magistério Superior**, em 02/04/2025, às 14:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Graciela Eurides Costa, Discente**, em 02/04/2025, às 15:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5283342** e o código CRC **187D402E**.

Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - ProEF

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Costa, Graciela Eurides

Narrativas autobiográficas e a formação de professores e de professoras de educação física na educação infantil [manuscrito] / Graciela Eurides Costa. - 2025.

CII, 102 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Luana Zanotto.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD), Programa de Pós Graduação em Educação Física em rede, Goiânia, 2025.

Bibliografia.

Inclui siglas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Educação Física escolar; . 2. Educação Infantil. 3. Narrativa autobiográfica;. 4. Formação docente. I. Zanotto, Luana, orient. II. Título.

CDU 796



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 03 da sessão de Defesa de Dissertação de Graciela Eurides Costa, que confere o título de Mestre(a) em Educação Física, na área de concentração em Educação Física Escolar.

Aos vinte e oito dias de fevereiro de dois mil e vinte cinco, a partir da(s) 09:00, através do link meet.google.com/sqi-fkdw-ppe realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada “**Narrativas autobiográficas e a formação de professores e de professoras de educação física na educação infantil**”. Os trabalhos foram instalados pela **Orientadora**, Professora Doutora Luana Zanotto (ProEF/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor Doutor Admir Soares de Almeida Junior (EEFFTO/UFGM); Professor Doutor Fernando Donizete Alves (DEFMH/UFSCar). Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação e, como resultado, a candidato(a) foi **aprovado** pelos membros. Proclamados os resultados pela Professora Doutora Luana Zanotto, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, ao(s) **vinte oito dias de fevereiro de dois mil e vinte e cinco**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Luana Zanotto, Professora do Magistério Superior**, em 28/02/2025, às 12:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fernando Donizete Alves, Usuário Externo**, em 06/03/2025, às 07:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **ADMIR S ALMEIDA JR registrado(a) civilmente como Admir Soares de Almeida Junior, Usuário Externo**, em 06/03/2025, às 17:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5177481** e o código CRC **1162A979**.

GRACIELA EURIDES COSTA

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em rede Nacional da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física.

Data da defesa: 28 de fevereiro de 2025.

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof.^a Dr.^a Luana Zanotto
Universidade Federal de Goiás

Membro Titular: Prof. Dr. Fernando Donizete Alves
Universidade Federal de São Carlos

Membro Titular: Prof. Dr. Admir Soares de Almeida Júnior
Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Educação Física e Dança, Universidade Federal de Goiás, Goiânia

Dedico esta dissertação a Deus, à minha família e aos amigos. Dedico também à minha mãe, que já não está mais conosco, mas que tenho a certeza de que se orgulharia da minha jornada.

AGRADECIMENTOS

Ao concluir esta dissertação, um marco significativo na minha trajetória, olho para trás com gratidão e emoção ao reconhecer cada desafio e cada conquista que me trouxeram até aqui.

Primeiramente, agradeço à minha mãe, Valdivina Eurides Costa, que, mesmo diante das adversidades de ser uma mãe solteira e trabalhadora, nunca deixou de ser um exemplo de força, de coragem e de determinação. Sua resiliência e dedicação me ensinaram o valor do trabalho árduo e do estudo como caminho para alcançar os sonhos.

À minha família, meu marido e meus filhos, que me apoiaram incondicionalmente durante esse período turbulento. Entre as demandas do trabalho, dos estudos e dos deveres da vida familiar, vocês foram o meu porto seguro, a minha fonte de amor e de motivação. Obrigada por compreenderem minhas ausências e por celebrarem cada pequena vitória ao meu lado.

Agradeço também às minhas origens. Crescer em uma periferia me ensinou a lutar por espaço, a valorizar cada conquista e a nunca perder a esperança, mesmo diante das dificuldades. Foi esse contexto que moldou a minha determinação, em buscar no estudo o caminho para transformar a minha vida e impactar a vida de outros.

Não poderia deixar de expressar a minha gratidão aos professores e aos colegas do mestrado, que contribuíram com suas orientações, críticas e reflexões para o amadurecimento deste trabalho. Em especial, à minha orientadora Prof.^a Dr.^a Luana Zanotto, que acreditou no potencial desta pesquisa e me incentivou a narrar a minha história como uma ferramenta de aprendizado, de (auto)formação e de inspiração. Aos membros da banca, Prof. Dr. Admir Soares de Almeida Júnior e Prof. Dr. Fernando Donizete Alves, por todas as contribuições. À Capes/PROEB – Programa de Educação Básica pelo oferecimento do Programa de Pós-Graduação em Educação Física em Rede Nacional (ProEF).

Por fim, agradeço a mim mesma, pela coragem de revisitar a minha trajetória, de enfrentar os obstáculos e de persistir, mesmo quando o caminho parecia difícil.

Esta dissertação é a concretização de um sonho e a prova de que, com dedicação e resiliência, é possível superar limites e alcançar a excelência.

Este trabalho é dedicado a todas as professoras e professores que, como eu, enfrentam desafios diários para ensinar, aprender e transformar vidas. Que nossas histórias inspirem e fortaleçam a Educação Física na Educação Infantil, ajudando a construir um futuro mais justo, inclusivo e cheio de possibilidades.

Muito obrigada a todos que fizeram parte dessa jornada!

Educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante.

(Paulo Freire, 1996, p. 56)

RESUMO

Esta dissertação investiga o papel das narrativas autobiográficas na formação de professores de Educação Física (EF) na Educação Infantil (EI), com foco nas repercussões das experiências formativas no processo de tornar-se docente nessa área. Objetiva investigar de que forma as narrativas de formação podem contribuir para a compreensão da repercussão das experiências formativas na trajetória e no processo de constituição do professor de EF na EI no município de Ituiutaba/MG. Utilizando uma metodologia narrativa autobiográfica, a autora revisita sua trajetória profissional, examinando como as histórias de vida impactam as práticas pedagógicas e propondo um site interativo como recurso educacional. Intitulado *Narrativas que transformam*, o site reúne relatos de professores de EF na EI em Ituiutaba/MG, promovendo a reflexão crítica e o aprimoramento das práticas pedagógicas. Os resultados indicam que a escrita autobiográfica é uma ferramenta poderosa para a autoanálise e para a formação continuada de docentes, permitindo uma compreensão mais profunda das vivências e suas implicações na prática pedagógica da EF na EI. A reflexão crítica sobre trajetórias formativas pode inspirar educadores a ressignificarem suas práticas, conectando-as às teorias e experiências compartilhadas. A pesquisa reafirma a necessidade de fortalecer a EF na EI, reconhecendo-a como um campo indispensável para o desenvolvimento pleno das crianças. A reflexão crítica sobre trajetórias formativas pode inspirar educadores a ressignificarem suas práticas, conectando-as às teorias e experiências compartilhadas. Dessa forma, narrar e oportunizar o compartilhamento de saberes profissionais foi visto como um ato colaborativo e de crescimento coletivo, ampliando as possibilidades da EF na EI e contribuindo para sua valorização no contexto educacional. Este estudo não se encerra como um ponto final, mas como um convite ao diálogo, à reflexão e à continuidade da jornada formativa. Portanto, se espera que o estudo possa aguçar outros professores a revisitarem suas próprias trajetórias, consolidando uma Educação mais crítica, significativa e transformadora.

Palavras-chave: Educação Física escolar; Educação Infantil; Narrativa autobiográfica; Formação docente.

ABSTRACT

This dissertation investigates the role of autobiographical narratives in the training of Physical Education (PE) teachers in Early Childhood Education (ECE), focusing on the repercussions of formative experiences in the process of becoming a teacher in this area. It aims to investigate how formative narratives can contribute to understanding the repercussions of formative experiences in the trajectory and process of becoming a PE teacher in ECE in the city of Ituiutaba/MG. Using an autobiographical narrative methodology, the author revisits her professional trajectory, examining how life stories impact pedagogical practices and proposing an interactive website as an educational resource. Entitled "*Narratives that transform*", the *website* brings together accounts of PE teachers in ECE in Ituiutaba/MG, promoting critical reflection and the improvement of pedagogical practices. The results indicate that autobiographical writing is a powerful tool for self-analysis and for the continuing education of teachers, allowing a deeper understanding of experiences and their implications for the pedagogical practice of PE in ECE. Critical reflection on educational trajectories can inspire educators to reframe their practices, connecting them to shared theories and experiences. The research reaffirms the need to strengthen PE in ECE, recognizing it as an indispensable field for the full development of children. Critical reflection on educational trajectories can inspire educators to reframe their practices, connecting them to shared theories and experiences. Thus, narrating and providing opportunities for sharing professional knowledge was seen as a collaborative act and a cause for collective growth, expanding the possibilities of PE in ECE and contributing to its appreciation in the educational context. This study does not end as an end point, but as an invitation to dialogue, reflection, and continuity in the educational journey. Therefore, it is hoped that the study can encourage other teachers to revisit their own trajectories, consolidating a more critical, meaningful and transformative Education.

Keywords: School Physical Education; Early childhood education; Autobiographical narrative; Teacher training.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa de Minas Gerais com seus municípios e Mapa do Triângulo (2008)	23
Figura 2 – Mapa de Ituiutaba julho 2022.....	24
Figura 3 – Mapa de Ituiutaba e sua divisão por bairros.....	27
Figura 4 – Minha família (1).....	29
Figura 5 – Minha família (2).....	29
Figura 6 – Time de vôlei.....	33
Figura 7 – Lourimar	34
Figura 8 – Licenciatura em Educação Física.....	45
Figura 9 – Docência como professora de Educação Física.....	53
Figura 10 – Aulas remotas (2020).....	60
Figura 11 – Aulas remotas (2021).....	60
Figura 12 – Vídeos do meu Canal do <i>YouTube</i> utilizados pela Prefeitura de Petrópolis/RJ e pela Prefeitura de Jacareí/SP.....	61

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quantidade de escolas em Ituiutaba	25
--	----

LISTA DE VÍDEOS

Vídeo 1 – Colégio Nacional (Unidade Ituiutaba)	43
---	-----------

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAIC	Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente
DCNEIs	Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil
EB	Educação Básica Brasileira
EF	Educação Física
EFI	Educação Física Infantil
EI	Educação Infantil
FAPEMIG	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais
FIES	Financiamento Estudantil
ISED	Instituto Superior de Educação de Ituiutaba
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
OPET	Centro Universitário Organização Paranaense de Ensino Técnico
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNLD	Programa Nacional do Livro e do Material Didático
ProEF	Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TICs	Tecnologias da Informação e Comunicação
UEMG	Universidade do Estado de Minas Gerais
UNESP	Universidade Estadual Paulista

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	14
1.2 NARRATIVAS E O CONTEXTO INVESTIGADO	20
2 MEMORIAL DE FORMAÇÃO	28
2.1 APRESENTAÇÃO DE QUEM ESCREVE	28
2.2 INÍCIO PROFISSIONAL	32
2.3 OS CAMINHOS NA EDUCAÇÃO VÃO SE CONCRETIZANDO: EDUCAÇÃO INFANTIL, PAIXÃO À SEGUNDA VISTA	37
2.4 PROFESSORA DE DANÇA X EDUCAÇÃO FÍSICA, NA EDUCAÇÃO INFANTIL	41
2.5 A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO MEIO DE CONEXÃO COM O MUNDO DA EDUCAÇÃO INFANTIL	52
3 EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	68
3.1 A EDUCAÇÃO FÍSICA E SUA PRESENÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	68
3.2 EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES SOBRE O MEMORIAL E A TRAJETÓRIA DOCENTE	75
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS E O RECURSO EDUCACIONAL	83
REFERÊNCIAS	91

1 APRESENTAÇÃO

As trajetórias de formação de professores são complexas e profundamente influenciadas pelas experiências vivenciadas ao longo da vida. No campo da Educação Física (EF), essas experiências são ainda mais significativas, pois envolvem não apenas o domínio de conhecimentos teóricos e técnicos, mas também a internalização de valores e de práticas que impactam diretamente a atuação pedagógica. Dentro desse contexto, as narrativas de formação emergem como uma ferramenta para investigar e compreender as repercussões das experiências profissionais ao longo da trajetória formativa de professores e de professoras, em especial na Educação Infantil (EI).

Nessa perspectiva, entre uma diversidade de temas para a realização da pesquisa, decidi me aventurar pelas Narrativas Autobiográficas, que são experiências revisitadas que, sem dúvida, tiveram impacto significativo na minha formação pessoal e profissional. Essa decisão abriu-me inúmeras oportunidades, como visitar o processo de me tornar Professora de Dança, Profissional de EF tanto no setor público quanto no setor privado, Neuropsicomotricista, Coordenadora da Área Motora em intervenção de crianças Atípicas, Vice-Diretora e sempre Professora de EF. Apesar das várias transformações em minha trajetória profissional, a inquietude que reside em mim parece nunca se aquietar. Porém, neste momento, ao me debruçar sobre a produção da presente pesquisa, entendo que essa aprendibilidade é o que me motiva a buscar o aprimoramento em de formações continuadas.

A revisão da literatura foi efetuada por meio dos seguintes descritores: *histórias de vidas, autobiografias, memórias, lembranças, depoimentos orais e narrativas*. Consideramos também as questões de EF e da EI e a construção curricular da EF como componente na EI, em razão de sua presença marcante nas pesquisas. No período em análise, esse foi um dos focos de análise em nossas pesquisas com autobiografias e uma revisitação de minha caminhada profissional como professora de EF na EI.

No contexto desta narrativa, faço uma pausa para enaltecer o quão redentor foi conhecer a Pós-Graduação e em especial o ProEF (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional), pois neste Programa percebi que as inquieta-

ções que até então pareciam ser só minhas não eram, pois havia pessoas de outros estados e de municípios diferentes do meu que também compartilhavam tantas problemáticas, desconfortos, sede de algo a mais na EF *etc.*

Este trabalho nasce das inquietudes vivenciadas ao longo da minha trajetória profissional como professora de EF na EI. Essas inquietações emergem principalmente de situações concretas do cotidiano escolar que suscitaram reflexões críticas sobre a prática docente e sobre os desafios enfrentados nesse contexto educativo. Também se destaca a valorização da EF na EI, espaço no qual muitas vezes essa área do saber é vista como um momento de *brincadeira livre* ou como simples gasto de energia das crianças, desconsiderando o seu potencial pedagógico para a formação integral dos alunos. Essa percepção despertou em mim o desejo de aprofundar o entendimento e o reconhecimento da importância da EF na primeira etapa da Educação Básica, considerando o seu papel no desenvolvimento motor, social, emocional e cognitivo das crianças de zero a 5 anos e 11 meses de idade.

Os desafios em articular a minha prática com as normativas e diretrizes para a prática docente são inúmeros. Ao longo da minha atuação como professora, enfrentei desafios para alinhar a prática pedagógica às orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) e outros documentos normativos. A dificuldade em traduzir conceitos como *ludicidade*, *corporeidade* e *desenvolvimento integral* em atividades práticas foi uma constante que me motivou a repensar e a ressignificar a minha atuação docente. Não posso deixar de destacar que a ausência de material de apoio e de formação continuada durante a minha prática me fez perceber a escassez de materiais didáticos e de propostas formativas específicas para o trato da EF na EI.

A ausência de materiais específicos para a etapa gerava dúvidas sobre como planejar e executar atividades que fossem ao mesmo tempo relevantes e alinhadas às necessidades das crianças da pré-escola. O reconhecimento da importância das histórias de vida e das experiências formativas a partir de minhas próprias experiências e da convivência com outros educadores/as neste processo de estudo e de pesquisas com narrativas tem me proporcionado compreender como as histórias de vida e os percursos formativos influenciam diretamente a prática docente. Tal percepção motivou a escolha das narrativas autobiográficas como eixo central do presente estudo, pois acredito que elas possuem o poder de iluminar caminhos e de reforçar a reflexão crítica sobre a formação e a atuação profissional.

Sendo assim, as narrativas autobiográficas e as repercussões das experiências formativas na trajetória de tornar-se professor de EF na EI sustentam este estudo. Além disso, o estudo culmina na criação de um *site*¹ interativo concebido como um recurso educacional da pesquisa, destinado a reunir relatos e experiências formativas de professores e professoras de EF na EI do município de Ituiutaba/MG, lócus da investigação. O *site* atua como um espaço colaborativo e visa não apenas à partilha das vivências docentes narradas, mas também à promoção de reflexões e à construção coletiva de saberes, com o objetivo de qualificar as práticas pedagógicas nesse segmento. Ao proporcionar um ambiente de troca e de diálogo, o recurso busca contribuir para a formação e o desenvolvimento profissional desses docentes. Mais do que uma ferramenta de comunicação, o *site* buscou atuar como um catalisador para a construção de uma comunidade de prática que valoriza as particularidades da EF na EI.

Nas disciplinas do ProEF, foi possível abrir um leque maior de possibilidades e de conhecimentos, que até então se faziam superficiais. Tais possibilidades me forneceram um suporte teórico e prático valioso e fundamental para que eu pudesse, ao escrever esta dissertação, lançar um olhar crítico sobre a minha prática pedagógica e refletir sobre o meu posicionamento diante dos desafios que permeiam o ambiente escolar.

Quando foi proposta a escrita da narrativa autobiográfica pela minha orientadora, a Prof.^a Dr.^a Luana Zanotto, eu me fiz resistente em diversas ocasiões, questionando-me junto a ela. Nossas discussões giravam em torno de como eu me constitui professora, assim como o porquê a minha trajetória se fazia especial ao ponto de ser narrada. Debatíamos o quanto entendíamos a importância de se compreender o papel da EF na EI. Assim, ao longo das reuniões e de tudo o que era proposto para os meus estudos, compreendia a latência e a importância da EI ser uma fase de ensino mais repensada, bem planejada e que respeite o ritmo e os interesses das crianças, promovendo o desenvolvimento e a formação de maneira lúdica e prazerosa. Durante as reuniões de orientação, bem como em debates nos fóruns do ProEF,

¹ Endereço eletrônico *Narrativas que transformam*. Disponível em: <https://sites.google.com/view/narrativas-que-transformam/in%C3%ADcio>. Acesso em: 21 jan. 2025.

reforçava-se constantemente a importância de uma formação docente que capacite os professores a compreender e a aplicar esses princípios em suas práticas diárias.

Sendo assim, compartilho fragmentos da minha história de vida, os caminhos que percorri, as escolhas que fiz e os compromissos que assumi, os quais moldaram a profissional que sou hoje – ou que ainda estou me tornando. Ao buscar compreender o que é a narrativa autobiográfica para produzir esta pesquisa, encontrei-me e, em um dos textos de estudo indicados no exame de qualificação, aprendi que a autobiografia é o

[...] componente cultural interessante nas narrativas que as torna de fácil identificação a outros profissionais da educação que as leem: o parceiro de trabalho é capaz de colocar-se no lugar do narrador, de vivenciar suas dores, simpatizar com sua determinação ou hesitar com as dúvidas. Assim, ao mesmo tempo em que o universo particular é revelado, quando o professor escolhe abrir as portas da sala de seu ser, os textos narrados são carregados de coletividade e existem porque tratam de questões que são humanas, de dilemas que são comuns a tantos outros professores (Ferreira; Prado; Aragão, 2015, p. 205).

O objetivo da minha escrita neste estudo não é apenas relatar a sequência de eventos, mas também apresentar princípios teóricos que se conectam diretamente à minha prática e que me impulsionaram. Por meio da pesquisa, busco revelar a minha identidade como professora e pesquisadora, pois, de acordo com Freire (1996, p. 29), o professor possui um amplo saber docente e se faz pesquisador de sua prática. Aqui, fui me constituindo durante o processo de escrita e de revisitação que reflete criticamente sobre a minha atuação.

A ideia de que o conhecimento é gerado exclusivamente nas universidades implica que as escolas são consideradas espaços estéreis, sem saberes. Nesse cenário, cabe às universidades a responsabilidade de decidir o que e como deve ser ensinado nas escolas, reduzindo-os a um papel meramente reprodutor dos conhecimentos advindos das instituições de ensino superior. Contudo, tanto as escolas quanto os professores da educação básica não apenas criam conhecimento, mas também desenvolvem um saber específico, profundamente enraizado na sua realidade e intrinsecamente ligado à sua prática. Conforme Freire (1996, p. 29), a pesquisa é apenas uma das dimensões do trabalho do professor:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazer se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo, educo e me educo. Pesquiso para conhecer e o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

A partir dessa perspectiva, podemos afirmar que a pesquisa e o ensino estão intrinsecamente interligados na prática docente, ambos constituindo aspectos de um mesmo processo educacional. A crença de que a escola não produz conhecimento provoca uma dissociação entre teoria e prática. Esta pesquisa tem como objetivo investigar de que forma as narrativas de formação podem contribuir para a compreensão da repercussão das experiências formativas na trajetória e no processo de constituição do professor de EF na EI no município de Ituiutaba/MG. Essa investigação se insere na perspectiva de que o ato de contar e de refletir sobre as próprias histórias de vida – o que denominamos como narrativas autobiográficas – possibilita uma tomada de consciência das influências que moldam a identidade profissional e as práticas pedagógicas.

Ao explorar as narrativas na atuação do profissional de EF na EI, este estudo visa revelar como as experiências formativas, desde a infância até o início da carreira do educador, moldam a construção de saberes profissionais e a percepção do papel do educador no desenvolvimento integral das crianças. Por meio da análise das narrativas autobiográficas, buscamos identificar não apenas os desafios e os dilemas enfrentados durante a formação, mas também as oportunidades de reflexão crítica que possibilitam a resignificação das práticas pedagógicas e o fortalecimento da identidade docente.

Os estudos de Fensterseifer e Gonzáles (2018), tão presentes nas disciplinas do Mestrado Profissional em Educação Física, compreendem a EF como uma janela para o mundo, para formar indivíduos críticos por meio da cultura corporal. Talvez compreendamos como complexas as colocações dos autores, mas não como uma utopia, pois acredito que esse movimento de identificar e de compreender o porquê de fazer determinadas práticas e ainda qual a sua relação com a sociedade em que se vive nos dá o protagonismo de criar espaços de debates na EI, o que nos leva a compreender a nossa prática a partir dessa revisitação. Por que não estimular a construção coletiva do conhecimento? Enquanto mediadores, podemos apresentar

diversas possibilidades para o aluno em construção com o outro, objetivando a formação de sujeitos autônomos, críticos, reflexivos e transformadores.

Fensterseifer e Gonzáles (2018) enfatizam ainda que devemos oferecer elementos suficientes para que os alunos entendam o mundo em que vivem, para que vejam significados naquilo que aprendem. Para que se sintam em casa nesse mundo, incentivando a participação ativa ali mesmo na EI, devemos, por meio do movimento, buscar alternativas e condições para promover vivências relevantes no espaço escolar.

Para responder à questão problematizada e me atrevendo a ingressar nesse contexto, interrogo: o que a literatura apresenta sobre as narrativas e a EF na EI? Quais aspectos devem ser considerados na trajetória do professor de EF nessa etapa? Qual o papel da formação em EF na prática na EI? Esta pesquisa tem como objetivo investigar de que forma as narrativas de formação podem contribuir para a compreensão da repercussão das experiências formativas na trajetória e no processo de constituição do professor de EF na EI no município de Ituiutaba/MG.

Traçamos os objetivos específicos pautados em: 1) identificar como a narrativa autobiográfica pode ser considerada na formação de professores de EF que atuam na EI; 2) compreender como a minha história de vida e trajetórias formativas podem influenciar práticas pedagógicas de outros professores; 3) explorar as experiências formativas que marcaram o meu processo de desenvolvimento profissional como professora de EF na EI, destacando os desafios, as aprendizagens e as influências teóricas significativas; 4) propor como recurso educacional um *site* que reúna narrativas e experiências formativas dos próprios professores/as a fim de reforçar a reflexão crítica e a melhoria da prática pedagógica.

Esses objetivos podem contribuir para a compreensão mais ampla da formação dos professores de EF, bem como para o desenvolvimento de recursos que auxiliem as suas práticas pedagógicas, valorizando as suas experiências e o contexto em que atuam.

1.2 NARRATIVAS E O CONTEXTO INVESTIGADO

Nas últimas duas décadas, é possível observar um interesse crescente pelas abordagens qualitativas na pesquisa em EF. Em destaque nessa abordagem estão as narrativas pessoais e de experiências individuais como método de produção de dados. Embora ainda tímidos no contexto específico da EF, esses usos têm ganhado espaço pelo seu potencial em explorar a subjetividade e a riqueza das vivências humanas. Como pontua Benjamin (1994), a narrativa, que outrora ocupava um lugar central na transmissão de saberes, foi sendo deslocada em função de uma sociedade cada vez mais orientada pela informação técnica e objetiva. Contudo, essa mesma sociedade começa a redescobrir o valor das histórias e dos relatos pessoais como forma de compreender a complexidade da experiência humana.

A emergência das narrativas autobiográficas no campo da EF reflete essa transformação metodológica, reafirmando a importância de olhar para o vivido e para o sentido atribuído às práticas como forma de construir conhecimentos mais significativos e integrados às realidades individuais e sociais.

Para Josso (2004), as narrativas representam processo de reflexão que “caracteriza-se pela mobilização da memória, pelo jogo discriminativo do pensamento e pela ordenação por meio da palavra, da atividade interior do sujeito”, ou seja, “como passagem de um vivido, no qual se encontra uma aglutinação de emoções, sentimentos, imagens e ideias, e uma ordenação desses componentes, para que a narrativa seja inteligível”. A narrativa possibilita ao professor identificar e compreender o caráter formador de suas vivências (Ferreira; Prado; Aragão, 2015, p. 205).

As colocações de Josso (2004) corroboram Ferreira, Prado e Aragão (2015), ao dizer que as lições registradas por meio das narrativas autobiográficas convertem um evento individual em uma experiência coletiva: autor, personagens e interlocutores encontram no texto um espaço propício para o diálogo e a reflexão acerca de suas próprias vivências. Os autores enfatizam que o que é escolhido para ser narrado também envolve renúncias, contextos, a figura do narrador e o pano de fundo. Contar histórias oferece aos ouvintes ou leitores a oportunidade de questionar os seus próprios caminhos, visitar as suas narrativas e lembrar a sua trajetória pessoal. Nesse sentido, Ferreira, Prado e Aragão, (2015, p. 110) afirmam:

Não somente para que se acompanhe a busca pela resposta da minha questão de pesquisa, mas também para que assim, ao escrever, eu vá construindo caminhos que me levem a diferentes compreensões do vivido e às respostas que eu procuro, é necessário narrar como está sendo o processo de produção dos dados. Afinal, não é somente por ter produzido as narrativas sobre a minha prática docente, partilhá-las e voltar a tudo isso que essa pesquisa ocorre, mas também, e principalmente, ao escrever esse registro, ao olhar novamente para as informações e ver o que agora – desse outro lugar em que estou – posso perceber e antes não percebia, ao construir novos sentidos, outras, compreensões para o vivido, e ao teorizá-lo.

Pensar a pesquisa qualitativa no campo da EF brasileira é uma tarefa desafiadora, dado o vasto leque de desenhos metodológicos, instrumentos e possibilidades disponíveis. No entanto, ao considerar o objetivo desta pesquisa – investigar como as narrativas de formação podem contribuir para compreender as repercussões das experiências formativas na trajetória de professores e de professoras de EF na EI –, a escolha pela metodologia narrativa autobiográfica se revelou pertinente. Essa abordagem permite uma análise profunda e contextualizada da prática pedagógica, integrando teoria e prática, refletindo sobre experiências vividas e promovendo o compartilhamento de conhecimentos de maneira envolvente. Dessa forma, contribui não apenas para o meu desenvolvimento profissional enquanto professora, mas também para a construção de reflexões que podem beneficiar outros educadores/as.

Esta pesquisa utiliza o método narrativo autobiográfico para revisitar a minha trajetória profissional como ferramenta reflexiva e transformadora, capaz de impactar a realidade cotidiana do município investigado. A partir das vivências e experiências que relato, busco estabelecer um diálogo com os dois eixos temáticos definidos na revisão bibliográfica: 1) as narrativas autobiográficas como recurso formativo e reflexivo na formação docente; e 2) os desafios e especificidades da prática pedagógica da EF na EI. Esses eixos são elencados como base para entrelaçar as minhas experiências pessoais com o referencial teórico, permitindo uma análise que valoriza tanto a subjetividade quanto a contextualização prática, promovendo uma compreensão mais rica e profunda da formação e da atuação docente.

A pesquisa busca gerar conhecimentos significativos sobre a docência em EF na EI, contribuindo para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais efetivas e contextualizadas. Como contribuição, os achados desta investigação poderão subsidiar futuras pesquisas e oferecer suporte didático para professores de EF que atuam

nesse nível de ensino, promovendo práticas mais integradas para a erudição das crianças.

A metodologia narrativa autobiográfica se alinha com os objetivos do presente estudo ao permitir uma ponderação profunda que incentiva uma reflexão detalhada sobre a trajetória pessoal e profissional, possibilitando identificar como diferentes experiências e conhecimentos adquiridos ao longo do tempo contribuíram para a instrução e a prática pedagógica atual.

Integrar teoria pedagógica e prática profissional por meio da narrativa permite concretizar a integração das experiências vividas com os referenciais teóricos, proporcionando uma análise que vai além da simples descrição dos fatos. Dessa forma, a metodologia narrativa autobiográfica facilita a comunicação de experiências e de aprendizados de forma envolvente e expressiva, permitindo que outros educadores/as se apropriem das reflexões e dos *insights* gerados pela pesquisa.

Por meio da revisão e da análise crítica das experiências passadas, a narrativa autobiográfica promove a reavaliação contínua das práticas pedagógicas, incentivando melhorias e adaptações que contribuam para o desenvolvimento e a formação integral das crianças na EI. Passeggi, Souza e Vicentini (2011) reforçam a ideia de que a pesquisa autobiográfica é essencial para a profissionalização docente. Os autores destacam que a interseção entre vida pessoal e o desenvolvimento profissional permite ao educador construir uma prática pedagógica mais rica e diversificada, fundamentada em experiências vividas e refletidas.

A presente pesquisa fundamenta-se na compreensão de que o contexto local exerce influência significativa na formação e na prática dos professores de EF, especialmente na EI. Ituiutaba/MG, município em foco, apresenta características socioculturais e educacionais particulares que moldam a realidade dos professores da região. Destaca-se a exigência, presente no Projeto Político Pedagógico das escolas, de um profissional especialista em EF para ministrar as aulas de Movimento, influenciando suas trajetórias formativas e práticas pedagógicas.

Ituiutaba localiza-se na região do Triângulo Mineiro, no estado de Minas Gerais, e possui uma população estimada de 105.818 habitantes em 2021. O município abrange uma área de 2.598,05 km². Os principais setores econômicos em termos de emprego formal são: Comércio Varejista, Fabricação de Produtos Alimentícios,

Administração Pública, Defesa e Seguridade Social. Esses dados refletem a diversidade econômica do município, com destaque para o comércio e a indústria alimentícia.

Figura 1 – Mapa de Minas Gerais com seus municípios e Mapa do Triângulo (2008)

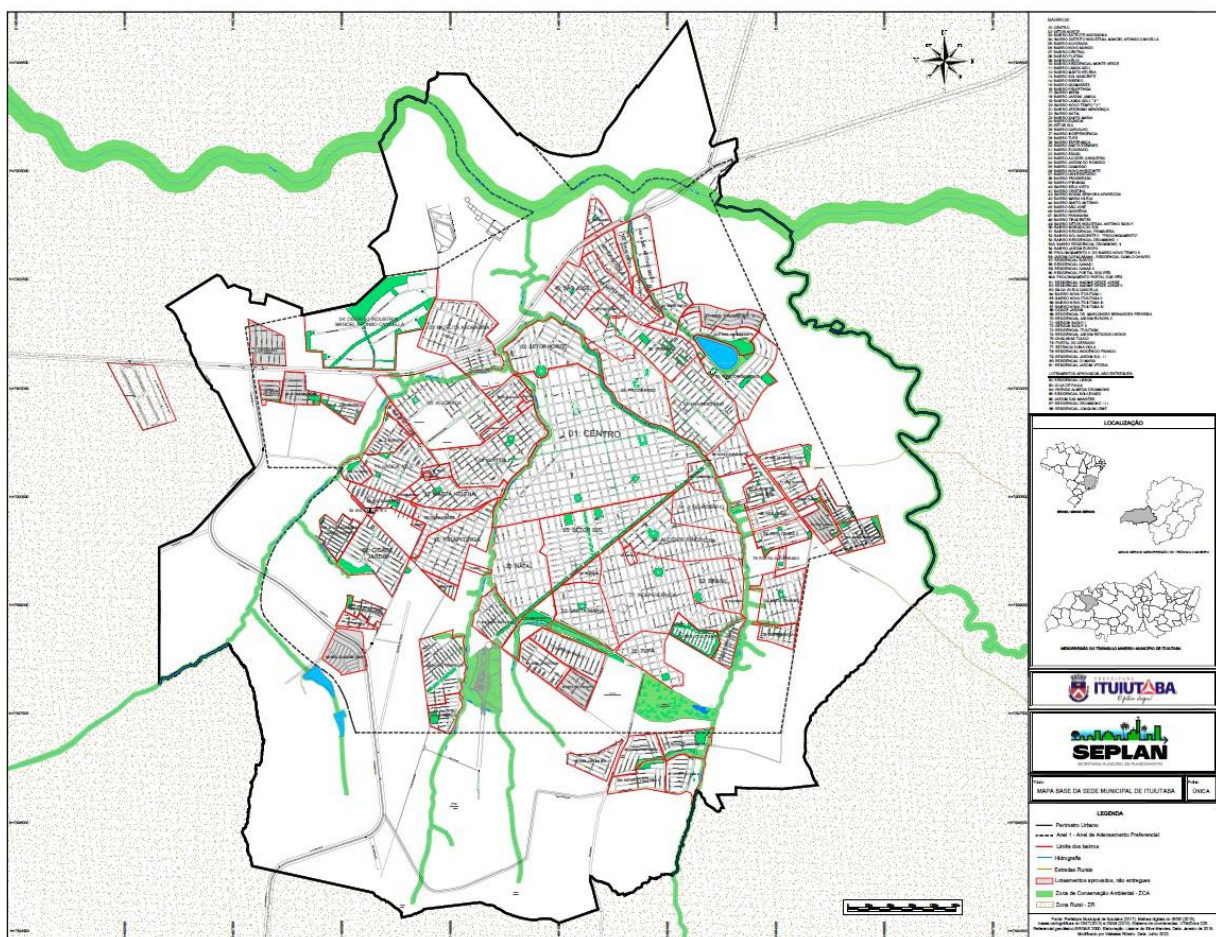


Fonte: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:MAPA_DA_DIOCESE_DE_ITUIUTABA.jpg

A Educação em Ituiutaba/MG conta com 61 estabelecimentos de ensino, atendendo desde a EI até o Ensino Médio. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) do município, em 2019, foi de 5,9 nos anos iniciais do Ensino Fundamental e 4,7 nos anos finais, conforme dados do IBGE. Esses indicadores situam Ituiutaba acima da média nacional nos anos iniciais e próximos à média nos anos finais, evidenciando a qualidade do ensino oferecido.

Para melhor compreensão da localização e distribuição espacial das instituições educacionais e outros equipamentos urbanos, apresenta-se o mapa de Ituiutaba, disponível no *site* oficial da prefeitura. Este mapa ilustra a organização territorial do município, facilitando a visualização do contexto em que se desenvolvem as práticas educativas.

Figura 2 - Mapa de Ituiutaba/MG julho 2022



Fonte: https://ituiutaba.mg.gov.br/arquivos_cliente/Mapaltuiutaba_Jul-2022.pdf

A análise dos dados socioeconômicos e educacionais de Ituiutaba/MG permite situar o leitor no cenário em que as narrativas e reflexões desta pesquisa são construídas. A exigência de profissionais especializados em EF nas escolas locais reflete uma política educacional que valoriza a formação específica, impactando diretamente as trajetórias formativas e as práticas pedagógicas desses docentes. Além disso, o contexto econômico diversificado e os indicadores educacionais

positivos contribuem para a compreensão das demandas e desafios enfrentados pelos professores de EF na EI em Ituiutaba/MG.

Este panorama contextualiza a influência do ambiente local na formação e atuação dos professores de EF, evidenciando a importância de políticas educacionais alinhadas às especificidades regionais e às necessidades da comunidade escolar.

Em um panorama geral, a situação atual das instituições de I de Ituiutaba/MG, com relação a estrutura física e investimentos da Prefeitura Municipal em 2025, contam com propostas de melhorias em suas estruturas físicas e investimentos na formação continuada dos professores, sendo estas partes do plano de ação da atual gestão municipal. Embora dados específicos de 2025 não estejam disponíveis, é possível destacar alguns aspectos relevantes com base em informações anteriores e práticas comuns na gestão educacional do município. Ituiutaba/MG conta com diversas instituições dedicadas à EI e, de acordo com os dados fornecidos pela Superintendência Regional de Ensino do município, do total das 20 escolas municipais atuantes durante o ano de 2023, 13 atendiam crianças da EI, contando com um total de 20 professores de EF entre efetivos e temporários.

Tabela 1 – Quantidade de escolas em Ituiutaba

Escolas em Ituiutaba	
Escolas	Quantidade
Municipais	20
Estadual	17
Particular	21
Federal	01
Especial	02
Filantrópicas	02
Total	63

Fonte: dados fornecidos pela Superintendência Regional de Ensino de Ituiutaba/MG, em 2023².

² Informação obtida por meio de ligação telefônica à Superintendência Regional de Ensino de Ituiutaba/MG, em abril de 2023. Dados repassados por Hellen Martins de Faria Figueira, Supervisora Regional da Divisão de Atendimento Escolar (DIVAE).

As instituições de ensino dispõem de infraestrutura completa, incluindo alimentação, auditório, laboratório de informática, área verde, quadra esportiva coberta, biblioteca, quadra esportiva descoberta, parquinho, sala de leitura, refeitório, laboratório de ciências, sala de professores, pátio descoberto, banda larga e internet.

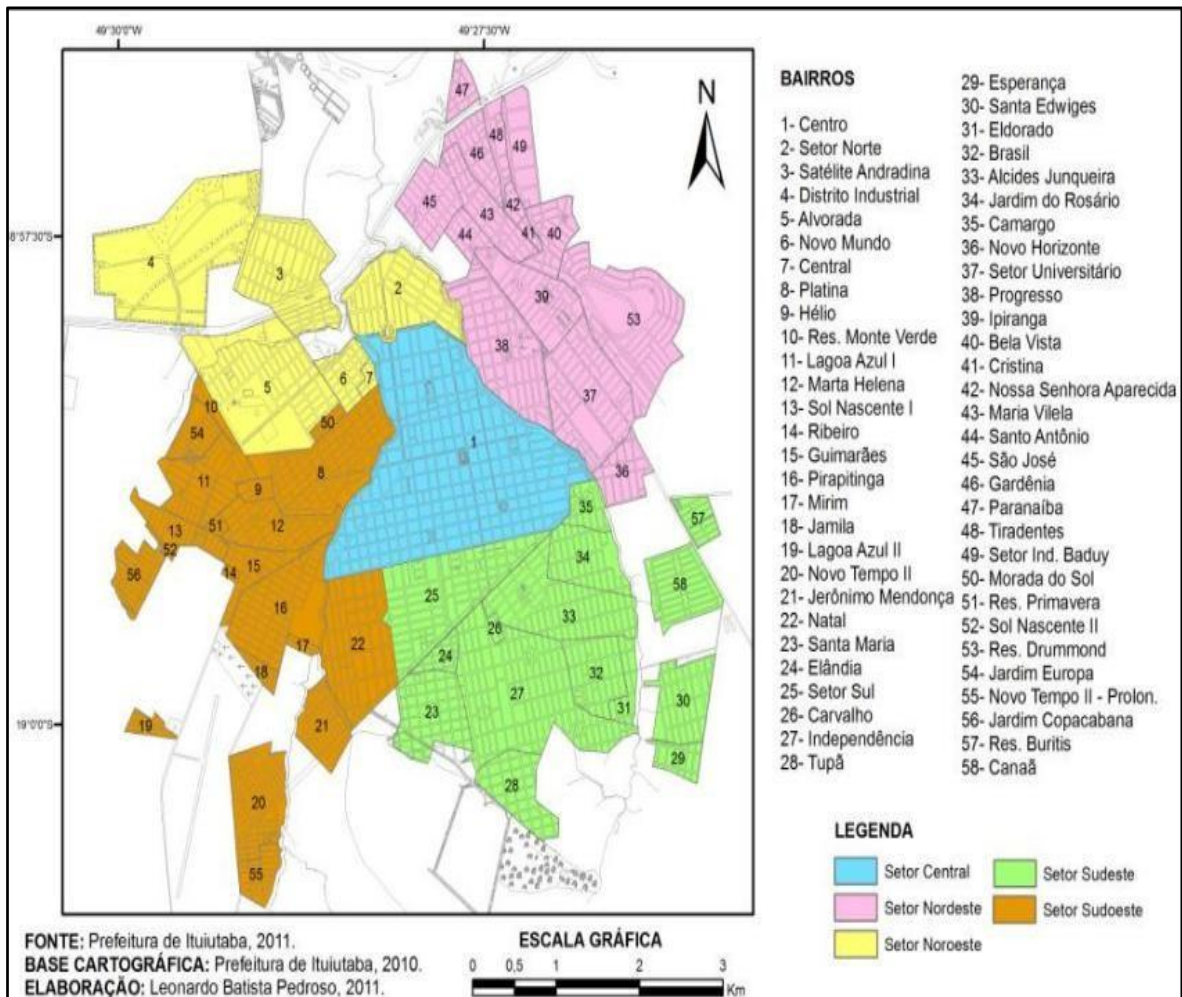
O município, de acordo com os recursos financeiros disponíveis, tem buscado oferecer ambientes adequados ao desenvolvimento infantil, ouvindo as demandas das instituições para alinhar as estruturas físicas aos Parâmetros Básicos de Infraestrutura para Instituições de EI (Brasil, 2006) estabelecidos pelo Ministério da Educação. Algumas Instituições estão passando por reformas e outras com projetos estruturados para iniciar algumas reestruturações.

Investimentos na Formação Continuada dos Professores/as é uma prioridade em Ituiutaba. A Secretaria Municipal de Educação, Esporte e Lazer, por meio do Centro Municipal de Assistência Pedagógica e Aperfeiçoamento Permanente de Professores (CEMAP), promove o Seminários de Formação Continuada abordando temas que estão em evidência com o objetivo de melhorar a qualidade de ensino.

A infraestrutura adequada das escolas de EI e os investimentos na formação continuada dos professores são pilares essenciais para a qualidade educacional em Ituiutaba/MG. Espera-se que a prefeitura continue e amplie a priorização dessas áreas, garantindo ambientes propícios ao desenvolvimento das crianças e à valorização dos profissionais da educação.

A priori, o universo de pesquisa será abordado por meio da narrativa autobiográfica, que envolve um exercício associativo do narrador ao dialogar diferentes espaços e tempos. Essa dinâmica possibilita a produção de novos sentidos que emergem da interação entre o *ser do presente* e as percepções das vivências passadas, conectando a trajetória pessoal à realidade investigada em Ituiutaba/MG. A opção pela presença do mapa (Figura 3) no trabalho se deu a partir da preocupação em destacar a localização da pesquisa nesta dissertação, tendo em vista que a pesquisadora é professora em atuação no referido município.

Figura 3 – Mapa de Ituiutaba e sua divisão por bairros



Fonte: Nascimento, Miazaki e Melo (2012, p. 102)

2 MEMORIAL DE FORMAÇÃO

2.1 APRESENTAÇÃO DE QUEM ESCREVE

Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar.
(Paulo Freire, 1997, p.79)

Trago aqui um pouco de como se deu o processo de internalização sobre escrever uma narrativa autobiográfica. Não sei precisar exatamente quantas vezes durante esse processo de construção busquei a “receita certa” de como começar e por onde começar. Dessa forma, aceitei o desafio de realizar uma imersão total no campo de estudo desejado, com o objetivo de gerar novos significados; de reverter os métodos tradicionais de produção do conhecimento, a fim de trilhar um caminho que seja simultaneamente inovador e relevante; de explorar diversas fontes para ampliar o nosso repertório de possibilidades e descobrir um novo formato que permita narrar a vida e literaturizar a ciência (Prado; Soligo; Simas, 2010, p. 115).

Nos momentos de conversa com a minha orientadora, a Prof.^a Dr.^a Luana Zanotto, houve a sensibilidade por sua parte de enxergar em minha trajetória um potencial para uma *trans-formação*, influenciando o leitor a buscar por meio da narrativa autobiográfica a reavaliação do seu contexto pedagógico e compreender este como um processo formativo. Segundo ela, deveríamos nos arriscar em uma narrativa autobiográfica, para colaborar com outros pares que poderiam a título de contribuição formativa se enxergar nesses processos revisitados e colocar à prova a sua prática. Nesse momento, confesso que fiquei receosa. Concomitante a esse processo, uma das disciplinas que cursei no ProEF, intitulada: “Seminários de Pesquisa Parte 1”, propunha o revisitar a nossa história. Ali me recordei que na minha primeira graduação eu produzi um relato de experiência como trabalho de conclusão do curso.

Questionamentos surgiram, por exemplo: como começar? Por onde? Devo falar desde quando nasci? Infância, adolescência ou começo da vida adulta? Enfim, fiquei dias nessa busca por uma orientação que me desorientava, por demorar a compreen-

der o quão rico é esse processo no qual eu mesma me coloquei. Resolvi começar do início, início que se modificou tantas vezes. “Aquele que narra se permite ser lido, examinado e interpretado como um texto, conduzindo-nos a suspender a nossa própria voz, a cultivar uma leitura atenta e isenta de julgamentos, além de fomentar sentimentos de empatia, bem como o desejo e a curiosidade de aprofundar continuamente o conhecimento” (Josso, 2009, p. 23).

Meu nome é Graciela Eurides Costa, mas pode me chamar de Grazi, Tia Gra, Graci, Ciela. Concluindo: é uma mesma pessoa, mas que atende por diferentes formas carinhosas. Sou filha de Valdivina Eurides Costa e irmã de Graciana Costa, sou natural de Goiânia/GO.

Figura 4 – Minha família (1)



Fonte: arquivo da autora
(registro de janeiro de 1989)

Figura 5 – Minha família (2)



Fonte: arquivo da autora
(registro de setembro de 1990)

As duas imagens acima trazem um grande saudosismo, pois a partir delas consigo me remeter a uma infância que revivo agora, permeada por lembranças que me atingem feito um tornado de saudade e de tristeza, mas também de felicidade de ser filha de uma mãe solteira, faxineira e que, mesmo com uma vida simples, sempre proporcionou muita alegria e afeto. A vida nunca foi fácil, como para a maioria das crianças que moram em periferias no Brasil. Sempre com muitos desafios e muitos obstáculos, minha mãe me ensinou a enfrentar tudo de cabeça erguida.

Iniciei a minha vida escolar com 7 anos na pré-escola, em uma instituição particular. Ao ingressar, eu já sabia as letras e os números. Chorava muito, porque me *separar* era algo que me fazia sofrer, então chorei no primeiro dia de aula, chorava para trocar de professora, chorava quando minha mãe ia trabalhar, chorava até quando a Xuxa ia embora em sua nave. Os momentos propostos de recreação na escola eram especiais. Como eu me divertia! Depois de tanto choro, sentia-me bem naquele espaço interagindo com outras crianças e com novos aprendizados.

Ao relacionar o parágrafo anterior e estabelecer um comparativo com a minha trajetória que percorria em meados de 1990, quando eu estava na EI e no Ensino Fundamental 1 (antes pré-escola e 1º grau, respectivamente), não me recordo da presença do profissional de EF, mas se faziam muito presentes a recreação, as brincadeiras, as danças, as lenga-lengas.

Me recordo que o que a gente mais queria era *ser o melhor aluno*: ler, escrever, colorir dentro do limite. Em cima da porta da minha sala do 1º ano havia um mural dos melhores alunos e eu dizia sempre para mim em meus pensamentos: *meu nome vai lá para aquele mural*. Eu sempre disputava com o Tiago B. (B. de Borges, pois havia dois alunos com o mesmo nome) e ficávamos eu em 1º e ele em 2º lugar, e vice-versa. Era uma sensação tão boa estar com meu nome lá na porta.

Em 1993, mudamo-nos para Ituiutaba/MG, tempo de novos aprendizados e de uma vida mais tranquila, com toda uma rede de apoio oferecida por outra grande mulher em minha vida, minha querida Tia Cida. Sabe aquela pessoa que cuida de todo mundo? É, a Tia Cida. Doce, amável, generosa, inteligente. A partir daquele momento, toda a minha trajetória enquanto aluna foi em escolas públicas do município de Ituiutaba/MG. Tudo era festa e diversão quando pensávamos em estar na escola, porque lá tínhamos amizades e auxiliávamos as professoras com as atividades. Sempre fui a representante de sala, ali o espírito de liderança já se fazia presente em minha vida.

Esse também foi um momento em que descobri que gostava muito de escrever. A escola nos incentivava muito a nos expressarmos autonomamente quanto ao conhecimento que possuíamos. Naquela época, fomos incentivados a escrever um livro. Recordo-me e tenho até hoje uma narrativa sobre a história da vida de uma amiga, o livro se chamava *Histórias entre amigos*.

Quando paro para pensar, a liderança e a competição já se faziam presentes em minha vida em todas as etapas nas quais fui me constituindo como um ser responsável por minha irmã, por mim, pela casa, em ser a melhor, em me cobrar em ser a melhor. Essa era uma exigência minha comigo mesma e o que sempre me motivou foi o conselho que acredito que todos nós devemos ter ouvido desde sempre: *estuda, minha filha, porque essa será a única coisa que ninguém tira de você e tudo o que conquistar com o seu esforço você não precisará de ninguém para alcançar o que você quer!* Esse conselho é de minha mãe, que teve a oportunidade na sua infância de cursar apenas até a 4ª série do 1º grau. Um conselho cheio de sabedoria com um fundo de remorso, de tristeza e de esperança de que a sua história não se repita com as suas filhas.

Minha mãe sempre trabalhando muito e em uma das ocasiões uma de suas patroas era vice-diretora do turno noturno de uma escola estadual. Eu estava com 12 anos de idade cursando a 5ª série. Fui para o turno noturno. Comecei a trabalhar de babá durante o dia e estudava à noite.

Lembra de quando
Eu ficava acordada até tarde, esperando
Só pra ganhar
Um beijo de boa noite antes de dormir?
Daqui não é diferente
Te beijo, mas você não sente³

Esse trecho da música *Estrelinha*, composta no ano de 2017 pela dupla Luigi e Leandro junto a Lucas Carvalho e Gabriel Rocha, diz muito sobre a minha cumplicidade com minha mãe.

Mesmo em uma instituição nova e com mais responsabilidades, recordo-me que no noturno não havia muito espaço para as recreações. Embora brincássemos muito na rua da minha casa com os colegas do bairro de Bete, queimada, piques, mês, cai no poço, futebol, vôlei, não me recordo da prática esportiva na escola nesse período.

³ Trecho da música *Estrelinha*, interpretada dupla sertaneja Di Paullo & Paulino com participação especial da cantora Marília Mendonça. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/marilia-mendonca/estrelinha-part-di-paullo-e-paulino/>. Acesso em: 22 jan. 2025.

No turno noturno, assim como nas outras escolas, sempre fui participativa nos eventos festivos. Na escola nova, conheci o desfile cívico e a fanfarra. A instituição tinha uma banda marcial, com a qual aprendi a tocar vários instrumentos.

Finalmente, no ano de 1997, conheci um professor de EF, mas só de longe, pois ele passou nas salas convidando os meninos que quisessem ir para escola às 17h30mim jogar futebol. Não havia muito incentivo esportivo para as meninas.

Conforme a LDB 9394/1996 (Brasil, 1996), a oferta da EF para o ensino noturno passava a ser facultativa para os alunos. Caso as escolas oferecessem a disciplina, as horas aulas não eram contabilizadas na carga horária da instituição. Os alunos poderiam ser dispensados das aulas se trabalhassem seis horas diárias, se tivessem mais de trinta anos, se estivessem prestando serviço militar, caso a aluna tivesse prole, entre outros.

A Educação naquele momento, em 1998, estava passando por reformulações. Em uma reunião, a direção nos comunicou que quem não tivesse 16 anos não poderia continuar na escola, pois todas as unidades do Estado no período noturno seriam destinadas à A Educação de Jovens e Adultos (EJA). Então tive que sair da escola estadual e ir para uma escola do município para fazer a 8ª série.

2.2 INÍCIO PROFISSIONAL

A Educação pelo Movimento não ocorre isoladamente, mas no homem como um todo, onde este movimento dentro de um contexto seja ele o jogo, trabalho, expressão, adquire significado.

(Ullmann, 1978, p. 9)

Retornando um pouco a cronologia desta narrativa, para que faça sentido a leitura, no ano de 1996, no meu bairro, foi inaugurada a Escola Municipal Aureliano Joaquim da Silva, um CAIC – Centro de Atenção Integral a Criança e ao Adolescente. O prédio foi inaugurado no dia 1º de maio de 1996. À época eu estava estudando no noturno em uma escola do Estado e o CAIC contava com aulas no Turno matutino e vespertino, também oferecia cursos profissionalizantes: dança, artes plásticas, teatro

e caratê, Marcenaria, bordado, pintura e crochê etc. Esses cursos eram oferecidos para alunos e comunidade do bairro.

Neste período iniciei o curso de Datilografia oferecido pelo Núcleo do Trabalho do CAIC. Eu ficava muito pelos corredores da escola achando tudo muito lindo e muito legal. As aulas de dança eram maravilhosas, mas eu não participava por que não dava para conciliar com meu trabalho. Ali no ambiente da escola, conheci um treinador no meu bairro, o André, que era atleta de Vôlei amador. Eu e minha irmã nos simpatizamos pelo esporte e começamos a treiná-lo no CAIC aos fins de semana, passávamos horas na quadra jogando e era tão bom esse momento.

Figura 6 – Time de vôlei



Fonte: arquivo da autora.

Como é possível observar na Figura 6, o nosso time não era muito grande, mas éramos empolgadas, alegres e queríamos jogar/ brincar. Aproveitávamos o máximo que aquele espaço de aprendizagem e de socialização podia nos oferecer. Uma escola com várias possibilidades, como a maioria dos CAIC deveria ser.

Entre tantas idas e vindas, oportunidades que se abrem e oportunidades que não podemos deixar passar, sempre me movimentei compreendendo que o que vem até nós deve ser avaliado e experimentado, porque é melhor errar na certeza, tentando buscar o melhor, do que o arrependimento de não ter tentado.

Figura 7 – Lourimar



Fonte: Arquivos do CAIC, Escola Municipal Aureliano Joaquim da Silva, 1998.

A dança favorece a criatividade da criança, onde o trabalho com o seu corpo gere uma maior consciência corporal, para que esta criança possa compreender o que passa consigo e ao seu redor, tornando-a mais espontânea e conseguindo expressar seus desejos de modo mais natural (Muniz; Araújo, 2021, *n.p*)

A Figura 7 me remete aos meus 14 anos de idade e ao início da minha trajetória com a educação. Sou professora desde a minha adolescência. Por ser autodidata, recebi o convite para integrar uma banda *show* como dançarina, em 1998. A partir de então, meus caminhos se entrelaçaram com a Prof.^a Lourimar Conceição Alves, mãe de criação de minha parceira de banda.

Essa foi a oportunidade de deixar de ser babá para ser artista. Na época, éramos vistos assim. Trabalhava na noite e durante a semana. Entre os ensaios e os estudos do Ensino Fundamental 2, era me apresentada uma nova profissão: ser professora, ensinar para crianças, algumas como eu, algo que eu nem estudei para fazer. Só treinava (criávamos coreografias, porém sem técnica nenhuma, sem *internet*, realmente criávamos) as crianças com coreografias para competições entre escolas e ou alguma apresentação de culminância de projetos na escola. Segundo Marques (2001, p. 19), “dançar se aprende dançando”. Para essa autora, o estudo e a compreensão da dança, corporal e intelectualmente falando, vão muito além do ato

de dançar. “Dançar é a releitura de um movimento onde internalizamos sentimentos, emoções, intensidade, nossas histórias do cotidiano” (Marques, 2001, p. 20).

A dança sempre visou o mesmo fim: a vida, a saúde, a religião, a morte, a fertilidade, o vigor físico e sexual, também permeando os caminhos terapêuticos e educacionais, estabelecendo uma diversidade interessante para essa manifestação.

Ao longo desta narrativa autobiográfica, percebo a conexão entre a minha trajetória profissional e as experiências que vivi. Falo, de um lado, sobre o desafio que enfrento como professora e pesquisadora na busca por abordagens inovadoras na prática pedagógica, ressignificando os processos de ensino-aprendizagem com uma visão da cultura como um espaço de debate e de reconstrução constante.

No contexto da formação docente, a abordagem (auto)biográfica tem se mostrado um caminho significativo para a construção do conhecimento, me permitindo refletir sobre a minha trajetória e prática pedagógica, que naquele momento como monitora de Dança, eu nem entendia o que era prática pedagógica. Nesse sentido, a aprendizagem experiencial proporcionada por essa abordagem envolve não apenas a sistematização das experiências, mas também a ampliação da consciência sobre si e sobre o próprio fazer docente. Como destacam Bragança (2011) *apud* Bragança e Santana (2020, p. 286):

[...] aprendizagem experiencial, proposta pela abordagem (auto)biográfica, implica três dimensões existenciais: o conhecimento sobre si, o conhecimento sobre o seu fazer, sua prática, e a reflexão crítica sobre as suas próprias concepções, traduzindo-se em uma atitude filosófica frente à vida (Bragança, 2011 *apud* Bragança; Santana, 2020, p. 286).

No ponto em que me encontro deste rememorar, deixando-me ler, examinar e interpretar como um texto, compreendo que o lugar onde me encontrava quando dançava e criava coreografias já era o de professora, apesar de me considerar naquele momento só dançarina⁴. Trazia-me grande alegria e causava-me uma sensação de dever cumprido observar as crianças obterem o conhecimento de algo

⁴ Dançarina: Termo que se refere a uma pessoa que dança; pode ser usado para se referir a uma mulher que dança bem; pode ser usado para se referir a uma profissional de dança que interpreta músicas e ritmos por meio de movimentos corporais

que até então era desconhecido e constatar a realização delas em vencer festivais e concursos de dança também era a minha.

Talvez a minha inquietação citada anteriormente seja por não ter uma preparação e um estudo específico para atuar como professora de dança, o que me motivou a buscar, por conta própria, livros e cursos que pudessem aprimorar a minha prática, mesmo ali na adolescência. A Prof.^a Lourimar viu potencial e dedicação em mim. Posso, neste momento, diante destas escritas, dizer que não sei se existe destino, sexto sentido ou dom, mas algo já sinalizava para mim que o ambiente escolar era o meu lugar, onde as minhas raízes deveriam se fixar. Ainda não compreendia se deveria me enveredar pela dança ou por outros caminhos, mas era na educação, que me desafiava a buscar e a conhecer, onde eu sentia prazer de estar cotidianamente.

Naquele período, o município de Ituiutaba/MG passava por grandes investimentos na área da cultura, do esporte e do lazer por parte da Prefeitura Municipal, o que possibilitaria um maior aprendizado para mim e maior reconhecimento do trabalho desenvolvido no escopo cultural e artístico. Embarcamos nessa aventura, a Prof.^a Lourimar como responsável pela dança no CAIC, que era a escola referência da região, por ser uma instituição de Educação Integral. A cidade caminhava em busca de se destacar em todos os âmbitos da sobrevivência, do desenvolvimento, da educação, da proteção e da participação populacional nas ações sociais.

Dentro desse contexto, compreendo hoje que a minha maior conquista foi contribuir significativamente com a história da Escola Municipal Aureliano Joaquim da Silva – CAIC em ser reconhecida como uma potência de resgate social por meio da cultura, assim como outras instituições por onde passei. O CAIC era especial por eu fazer parte da comunidade escolar, e sentir que o bairro precisava de reconhecimento e ser respeitado. Hoje tenho convívio com alunos que relatam o quanto a instituição influenciou profissionalmente as suas escolhas. Alguns se tornaram profissionais da educação ou de outros seguimentos e a minha prática pedagógica, em muitos momentos despreparada, exerceu influência positiva sobre a vida de alguns desses jovens.

Nessa época, os recursos para a pesquisa eram escassos, o que não era empecilho para a minha busca em aprender, ler e estudar. Sempre que havia cursos na cidade oferecidos pela Prefeitura, a Prof.^a Lourimar, a gestão do CAIC e as proprie-

tárias da academia em que eu trabalhava me incentivavam a participar. Particpei de cursos como o da *Les Mills*⁵, com programas da Body Systems, que era um ambiente do mercado Fitnes, onde aprendi técnicas e conheci recursos para aplicar minha pratica tanto como Professora de EF quanto Profissional de EF.

2.3 OS CAMINHOS NA EDUCAÇÃO VÃO SE CONCRETIZANDO: EDUCAÇÃO INFANTIL, PAIXÃO À SEGUNDA VISTA

O corpo é um personagem histórico em dupla personalidade.
(Bracht, 2005, p.10)

Ao longo de toda essa análise de mim mesma, às vezes me percebo como uma dupla personalidade. Em momentos, sou a professora de EF; em outros, a bacharel; em outros, a dançarina, mãe, filha, esposa. São tantas personalidades que temos que assumir ao longo da vida que, em alguns momentos, aqui sentada, revivendo a minha trajetória, indago-me como conseguimos ser tantos em um só, e como é difícil conter o turbilhão de rememoração fragmentada, e conseguir transcrever me maneira organizada sem que pareçam devaneios pensamentos e não se torne uma digressão.

A minha vida acadêmica iniciou se em 2002, no Curso de Normal Superior pelo Instituto Superior de Educação de Ituiutaba (ISEDI), uma instituição privada afiliada ao *campus* da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Nessa ocasião, não havia curso de EF em minha cidade e eu ainda não possuía recursos financeiros para estudar em outro local, que seria o mais próximo em Uberlândia/MG. Assim, consegui o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) para pagar as mensalidades no Curso Normal Superior.

Dentro do universo acadêmico, fui constatando que este era um caminho que me interessava: ser professor investigador e pesquisador. Sobre a orientação da Prof.^a Ma. Glucia Signorelli, orientadora do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), ficou claro o quanto eu me sentia à vontade em realizar pesquisas e produzir produtos acadêmicos. O meu projeto de TCC foi um relato de experiência sobre a minha prática

⁵ Um conjunto de programas LES MILLS que cresceu. Hoje em dia, a *Les Mills* oferece tudo, desde yoga a ciclismo, dança, artes marciais, HIIT e muito mais – e a cada três meses criamos músicas e movimentos para garantir que nosso time continue motivado. Informação disponível em: <https://www.lesmills.com/br/sobre-nos/nossa-historia/>. Acesso em: 22 jan. 2025.

na EI e como eu lidava com a indisciplina, tendo como título *Sim ou não, pode ou não pode a indisciplina na sala de aula*. Por meio dos estágios, fui conhecendo outras realidades escolares e também compreendendo o quão mágico é o universo da educação e principalmente da EI.

Retomando esse projeto, recordo-me que utilizamos histórias, brincadeiras e dramatizações nas salas de aula da EI como meio para resgatar os valores e a disciplina. Na conclusão, aponte:

[...] as crianças podem aprender a ter limites de comportamento sem que o professor seja um ditador de regras de pode não pode, certo e errado. Este deve orientar de forma cuidadosa, procurando sempre o caminho que seja mais próximo dos seus alunos e partir de um mundo que as crianças já conhecem, porque este momento da infância é primordial para a construção do caráter da criança (Costa *et al.*, 2003, p. 85).

Ao trazer essa citação para a narrativa, compreendo que aqui modifiquei a minha prática. Comecei a olhar para as crianças e o seu processo de desenvolvimento com um outro olhar. Como disse anteriormente, o processo de ensino ao qual eu me propunha e sabia fazer centrava-se em as crianças apenas reproduzirem aquilo que eu ensinava: dançar. Porém, a partir dessa graduação, sinto que o meu olhar lançado sobre elas mudou – e acredito que para melhor. Até mesmo as produções coreográficas que fazíamos apresentavam mais contextos culturais, fantasias e ludicidade. Não que antes não havia esses elementos, porém, a partir desse momento, as crianças se divertiam mais.

Bonfietti *et al.* (2019) e Gallahue, Ozmun e Goodway (2013) ressaltam que a postura do professor de EF na EI deve ser sensível às particularidades das crianças, respeitando o seu ritmo de desenvolvimento e criando um ambiente acolhedor e estimulante. Os autores supracitados destacam a importância de práticas pedagógicas que valorizem a diversidade e a inclusão, garantindo que todas as crianças, independentemente de suas habilidades ou condições, possam participar e se beneficiar das atividades físicas propostas.

Com a graduação, fui me apaixonando cada vez mais pela educação e me dedicava em todo o processo de aquisição de novos conhecimentos, buscando ampliar e melhorar a minha didática com as crianças na escola. A equipe do CAIC, a Prof.^a

Lourimar e a minha família sempre foram os meus maiores incentivadores para que eu ingressasse na universidade. Como monitora de dança, eu não tinha muita voz ativa nos planejamentos pedagógicos das aulas e não participava das reuniões pedagógicas. A Prof.^a Lourimar fazia os planejamentos e conversávamos sobre a execução, por qual caminho seria melhor atuar, e eu trabalhava com as crianças.

Antes, eu tinha uma postura de docente baseada no copista e na depositária, o que me incomodava, só que eu não sabia como fazer diferente. Então, eu continuei com tal postura, e aos poucos fui aplicando o que estava aprendendo na faculdade, em especial o construtivismo, que entre os anos de 2002 a 2005 foi o método de ensino mais presente nas instituições de ensino, assim como no Curso de Normal Superior. Este curso tinha por finalidade formar professores aptos a lecionar na EI e nos primeiros anos do Ensino Fundamental. Portanto, graças a essa vivência e a presente pesquisa, consigo a reavaliação e a análise das minhas práticas pedagógicas, que até antes deste momento em especial e nunca havia sentido a necessidade de olhar para minha trajetória e me compreender.

Diante desse misto de sentimentos ao reviver as minhas práticas e ao me ler desse outro ponto em que me encontro, consigo alinhar as perspectivas teóricas construídas ao longo dos anos. Agora, tento estabelecer um elo entre elas, objetivando compreender o quanto esse processo da narrativa autobiográfica exerce uma *transformação*, oportunizando-me, em minha conduta docente cotidiana, fazer uma auto-avaliação e considero que a transformação a partir da narrativa vem ocorrendo em mim mesma, a partir desta produção, da escrita, do recordar, visitar e me reler.

Sigo ainda com os meus questionamentos (ou inquietações), que mesmo com as oportunidades de formações continuadas experienciadas ao longo de minha trajetória não foram solucionados. Realmente, parar e ler fez com que eu compreendesse quais processos formadores foram significantes para me permitir construir uma docência mais segura nos dias atuais. A segurança que tenho neste momento é de me auto avaliar e de entender que sim, que é possível desenvolver uma EF na EI que realmente contribua para o desenvolvimento integral das crianças, mas olhando para o que hoje eu compreendo que era uma prática que eu não queria, porém eu não dominava outra abordagem pedagógica conforme preconizado pelos referenciais teóricos e os documentos curriculares nacionais. Me faltava mais estudo, mais buscas.

Quando o período de graduação se aproximava do fim e as inquietações mostravam-se ainda mais afloradas interiormente, participei de uma palestra sobre o processo de constituição da identidade docente. Essa palestra foi uma alavanca que impulsionou a minha permanência na licenciatura. Em uma das falas, uma das palestrantes disse que nenhum de nós nasceu professor, mas todos nós nos tornamos professores. A partir desta virada de chave compreendi que o lugar de saciar minhas inquietações era nos estudos, no aperfeiçoamento contínuo.

Tive então a oportunidade de conhecer grandes estudiosos da Educação e da Psicologia, como Paulo Reglus Neves Freire (1968-1996), Maria Montessori (1949-1946), Jean Piaget (1966-1937), Lev Vygotsky (1978-1962) e John Dewey (1916-1899). Aprendi o significado de interdisciplinaridade, a importância de trabalhar com projetos e como elaborá-los. Conheci os documentos norteadores da EI na Educação Básica como o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (Brasil, 1998), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2010) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997). Esses foram aprendizados que levei para toda a minha vida, pois eles são fundamentais para compreender qual caminho trilhar para construir a minha didática. O Curso de Normal Superior foi de extrema importância, pois ali pude entender que eu sempre quis trabalhar com a EI e as séries iniciais.

Formei-me em 2005. Logo depois, juntamente com algumas colegas, iniciei uma pós-graduação que teria na cidade, aos sábados e domingos, oferecida pela Faculdade Católica de Uberlândia. Tive então que parar com os *shows*, porque eu precisava estudar. No ano de 2007, concluí a minha primeira especialização, em Supervisão, Inspeção e Orientação Escolar. Porém, esse não era o meu objetivo profissional naquele momento, porque minha prática sempre foi ligada ao corpo, ao movimento e à recreação.

2.4 PROFESSORA DE DANÇA X EDUCAÇÃO FÍSICA, NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Não é o ritmo nem os passos que fazem a dança, mas a paixão que vai na alma de quem dança.

Augusto Branco⁶

Segundo a frase muito famosa do poeta Augusto Branco, que serve de epígrafe para a abertura desta seção, a dança me levou a lugares e a pessoas incríveis ao longo desta narrativa autobiográfica. Foram grandes aprendizados por dominar e ser apaixonada por dança:

[...] apesar de áreas distintas, cada qual possuindo seu próprio campo de conhecimento e objeto discutido, a dança é considerada como um conteúdo a ser trabalhado pela educação física escolar. O Coletivo de Autores (1992) enfatiza que a dança é um conteúdo da Educação Física escolar, assim como o jogo, o esporte, a ginástica e a capoeira também o são. E defendem o ensino de dança na Educação Física escolar desde a educação infantil até o ensino médio (Costa, 2011, p. 4).

Em 2006, um colégio particular de Ituiutaba/MG convidou-me para trabalhar como professora de dança. A cidade estava passando por mudanças políticas e o meu contrato com a prefeitura foi encerrado. Tive que sair e ficaria de *castigo* por dois anos.

No Brasil, a Educação passava por mais uma reforma. A Lei nº 11.114, de 16 de maio de 2005, tornava obrigatória a matrícula das crianças de 6 anos de idade no Ensino Fundamental e a Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006, ampliava o Ensino Fundamental para nove anos de duração, sendo 2010 o prazo para que as instituições se adequassem.

Em 2006, tive a oportunidade de assumir aulas de dança em uma instituição particular. As escolas já estavam se preparando para essas mudanças e o Colégio Nacional preparava a equipe com formações de 15 em 15 dias na sede em Uberlândia/MG.

Atuei por 16 anos no ensino particular e a escola me ensinou na prática e com formações contínuas a trabalhar de maneira interdisciplinar e com projetos pedagógi-

⁶ Frase disponível em: <https://kdfrases.com/frase/93190>. Acesso em: 22 jan. 2025.




cos. Os 16 anos de rede particular me ensinaram, como na obra de Antoine de Saint-Exupery, *O Pequeno Príncipe*, que *aqueles que passam por nós não vão sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.*

O período de trabalho vivenciado no ensino particular, a convivência com um público diferente e a proposta humanizada da escola de incentivo constante ao aperfeiçoamento dos profissionais me proporcionaram assumir pedagogicamente uma outra visão, menos mecânica e mais inclusiva.

Fui me percebendo com um papel estava além do ensino de movimentos e de habilidades motoras. Passei a me perceber como uma mediadora do desenvolvimento das crianças em seus primeiros passos no autoconhecimento e no desenvolvimento social. O RCNEI (Brasil, 1998) aponta que os professores de EI (referindo-se aos docentes da EI e não diretamente ao professor de EF) devem possuir um perfil de atuação profissional diferenciado das demais etapas da Educação Básica, sendo a diversidade de conhecimento um fator precípua. O documento aponta que deve ser feita uma reestruturação nas escolas para que os professores da EI possam obter melhor preparo e formação.

O Projeto Político Pedagógico do colégio particular era centrado no desenvolver didático com base nos projetos, visando a autonomia e a constituição de cidadãos conscientes e independentes. Acredito que esse foi o ápice da minha vida profissional, pois o colégio tinha a sua própria metodologia, que era construída a partir de reuniões e de conversas com a equipe, onde todos eram ouvidos e as formações eram voltadas para a construção das metodologias a serem aplicadas nas aulas. Havia um movimento de constante estudo, ampliação de conhecimentos e valorização dos sujeitos envolvidos.

Vídeo 1 – Colégio Nacional (Unidade Ituiutaba)

	<p style="text-align: center;">Família Nacional</p> <p>Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=snSjJfgWtXk Acesso em: 22 jan. 20235.</p>
	<p style="text-align: center;">Projeto UNESCO “cantando pelo mundo... Cantigas e brincadeiras!” O colégio nacional de Ituiutaba – uma das escolas associadas da UNESCO – participa com a cantiga Escravos de Jó</p> <p>Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sFuvjGsRrvk&t=438s Acesso em: 22 jan. de 2022.</p>
	<p style="text-align: center;">Projeto Micarnaça</p> <p>Disponível no perfil da rede social <i>Facebook</i> da autora, no endereço https://www.facebook.com/graciela7morena/posts/pfbid02KSVYA5XrwkS2eRrDKscFjra7oyw3AxAC6vqrVhCvfu9RgYTKqvoE3GNJ7i3c7A6zI</p> <p style="text-align: center;">Acesso em: 22 jan. de 2022.</p>

Continuei com cursos na área de recreação infantil e consegui novamente, no ano de 2008, retornar para o CAIC com contratos da prefeitura, na função de monitora de dança. Nesse período, a Prof.^a Lourimar estava como vice-diretora do período noturno e eu assumi as aulas de dança. Ao longo da escrita deste texto, percebo como a minha trajetória se liga, em partes, ao perfil do professor de EI. Há um imaginário de que a EF na EI seja só recreação, que não há ensino sistematizado nessa etapa da Educação básica. As formações que tive oportunidade de participar, por bem ou mal, foram me dando indícios de que o meu perfil e potencial destinavam-se à EI.

No ano de 2009, chegou em minha cidade o curso de licenciatura em EF. Naquela época, eu atuava em uma escola particular no município de Ituiutaba/MG e como instrutora de aulas em grupo em uma academia de ginástica. Sinto que me encontrei na licenciatura, pois condizia com o meu cotidiano profissional. Muito da didática eu tinha experiência, além de uma base pedagógica advinda do Curso de Normal Superior. Sendo assim, não senti dificuldades e foi de extrema gratificação o realizar o curso.

Durante esse período, também ingressei em vários cursos de recreação e de dança criativa e participei de palestras e de seminários que discutiam o desenvolvimento da infância. Nesse processo, conheci o Grupo EMCANTAR (assim mesmo,

com *M*), que nasceu em 1996, reunindo canto e encantamento, originado de um conjunto de crianças, adolescentes e jovens que se reuniu para cantar e não parou mais. Fundamentei a minha prática no lúdico, na recreação, no faz de conta, na música e no movimento. Com toda a admiração, dialogo com as sábias palavras do educador Rubem Alves:

A tarefa do professor: mostrar a frutinha.
Comê-la diante dos olhos dos alunos.
Provocar a fome. Erotizar os olhos, fazê-los babar de desejo.
Acordar a inteligência adormecida.
Aí a cabeça fica grávida: prenehe de ideias.
E quando a cabeça engravida não há nada que segure o corpo.

(Rubem Alves, *apud* Zampieri, 2007)⁷.

Acreditava que havia mesmo me encontrado. Toda a aprendizagem construída levei para o município quando retornei, apresentando-me com uma postura pedagógica renovada, crítica, visando a emancipação das crianças. Sentia-me tão motivada no período da faculdade, em especial pelo meu orientador, Edilson Carone Lapera, e pela sua esposa, Clélia, também professora da Faculdade, no curso de Agronomia. Eu havia sido professora dos filhos deles no colégio particular, então ambos me conheciam profissionalmente. Além deles, a Prof.^a Fabiana Tannus e o Prof. Jeziel Alves Rezende foram profissionais que me estenderam a mão e me incentivaram constantemente dentro do universo acadêmico.

O Prof. Edilson ministrava as disciplinas de *Futsal*, *Vôlei* e *Aprendizagem Motora*. Ele me incentivou, no terceiro ano da faculdade, a escrever um projeto de pesquisa elaborado com a finalidade de ser aplicado no período de abril de 2010 a março de 2011, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG)⁸. Posteriormente revisada a sua bibliografia e analisados os resultados do projeto, ele se tornou Trabalho de Conclusão do Curso da licenciatura em EF, apresentado à Fundação Educacional de Ituiutaba (FEIT), Unidade Associada à UEMG. O projeto se intitulava “Atividades motoras e rítmicas: contribuições ao desenvolvimento cognitivo de alunos com 08 anos de idade”.

⁷ Texto *A escola dos bichos*, Elis Zampieri. Disponível em:
<https://sobreeducao.blogspot.com/2007/12/reflexes-sobre-escola.html>
Acesso em: 4 fev. 2025.

⁸ Atividades motoras e rítmicas: contribuições ao desenvolvimento cognitivo de alunos com 08 anos de idade. Trabalho disponível no endereço: <https://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Atividades-Motoras-e-R%C3%ADtmicas-Contribui%C3%A7%C3%B5es-Ao/31801153.html>. Acesso em: 23 jan. 2023.

Apresentei o projeto em alguns seminários e meus professores e meu orientador ressaltavam que eu deveria prosseguir com a pesquisa. Talvez já poderia ser até uma defesa de mestrado. O projeto possibilitou que eu me aprofundasse na área da psicomotricidade e nos protocolos de avaliação, compreendendo o desenvolvimento humano a partir de uma visão rítmica e lúdica. O aprofundamento teórico, as descobertas e as comprovações com os estudos e as pesquisas rítmicas e motoras me deslumbravam, principalmente pelos autores por todo conhecimento acadêmico que estava sendo desbravado por mim.

O projeto pesquisado não estava diretamente vinculado à EI; no entanto, os estudos que eu vinha realizando naquele período já estavam promovendo transformações significativas em minha prática pedagógica. O conhecimento adquirido ao longo desse processo proporcionou-me maior segurança e confiança no desenvolvimento das atividades educacionais, ainda que meu repertório teórico e prático estivesse em contínua construção. Assim, expressei com muito orgulho mais um processo formativo, no qual me dediquei para produzir uma pesquisa que trouxe benefícios para os locais investigados.

Nesse período, pude me dedicar à pesquisa e aos estudos devido a algumas condições de saúde e também pela gravidez, pois tive que tirar uma licença. Aproveitei para me aprofundar mais nas pesquisas, buscando compreender o quanto as atividades rítmicas e motoras se interligavam e contribuía no âmbito lúdico para o desenvolvimento das crianças.

Figura 8 – Licenciatura em Educação Física



Fonte: Arquivos da autora.

Período memorável o desta imagem. Mesmo já sendo graduada, ser autodidata em dança me proporcionou uma base sólida e uma vasta experiência prática ao longo da minha vida profissional. Desde o início da carreira, estive envolvida em projetos culturais, apresentações artísticas e atividades físicas na minha cidade, contribuindo significativamente para o desenvolvimento cultural da comunidade. No entanto, percebia que, apesar de toda a minha dedicação e das conquistas na área da dança, a falta de um diploma ou certificado, voltado para uma área de conhecimento que envolve a prática de atividades físicas, como esportes e exercícios, fazia com que as pessoas não reconhecessem plenamente o meu valor profissional.

A obtenção do diploma de licenciatura em EF trouxe uma mudança importante nesse cenário. Somente após a graduação pude ter voz ativa e ser respeitada como professora de EF (vinculada à recreação, à dança, à cultura, ao esporte e ao lazer), consolidando a minha autonomia e o meu reconhecimento na área. Esse diploma não só validou as minhas habilidades e conhecimentos, mas também proporcionou oportunidades amplas de atuação, destacando a importância do reconhecimento formal na trajetória de uma autodidata. O movimento de raciocínio expresso nessas memórias é que eu sempre fui professora. Acredito que nasci professora. Não sei ao certo se existe mesmo a história de nascermos com o dom, mas passei a ser mesmo e a me sentir profissional quando fiz a licenciatura e bacharel em EF.

Em 2012, assumi a disciplina de EF, que contemplava desde a EI até o 5º ano passei de Professora de Dança para Professora de EF, na e neste momento eu já sabia exatamente o tipo de prática que eu não queria proporcionar para os meus alunos. Naquele período, a escola estava empenhada em um trabalho com projetos interdisciplinares e buscávamos trazer o esporte para dentro das temáticas, abordando-os com criticidade e significado.

Essa vivência me proporcionou um aprendizado imensurável. Acredito que o memorial aqui redigida busca despertar em outros professores e professoras uma criticidade de se revisitar e de se indagar o quanto estamos nos preparando ou fomos preparados para ocupar o lugar que ocupamos enquanto formadores de outros ou influenciadores do processo de aprendizagem.

Mesmo hoje, em meu trabalho com a EI, tento elencar as atividades desenvolvida com base na realidade da escola, verificando o que se faz pertinente

para os alunos e contextualizando os temas trabalhados. Não é simplesmente jogar por jogar, é ensinar de forma lúdica e inclusiva, contemplando as valências físicas e os aspectos motores e sociais. Minha prática pedagógica passou por uma ressignificação profunda como percebemos ao longo de toda a minha trajetória. Busquei trazer o lúdico para minhas aulas, tornando a experiência mais significativa para as crianças da EI.

Utilizei a experimentação corporal e o desenho do corpo como formas de materializar o conhecimento, propondo brincadeiras para identificação das partes do corpo, classificação de cores e seriação de números. Além disso, atividades como desenhar um colega permitiam que as crianças expressassem, em suas próprias linguagens, a relevância do que aprenderam, ampliando suas possibilidades de representação e comunicação. A inclusão das crianças cadeirantes, síndromicas e experimentar esse processo de trazer a criança a se desafiar para conquistar o respeito a visibilidade me fazia muito bem. Eu sentia uma felicidade que não cabia em meu peito.

Outras práticas exitosas da EF na EI em caminhava pela exploração sensorial e movimento Criativo durante uma aula ao ar livre, propus às crianças que explorassem diferentes superfícies com os pés descalços: grama, areia, piso frio e tapetes macios. Elas riam, comentavam sobre as sensações e, depois, representavam suas percepções desenhando ou narrando em rodas de conversa. Essa experiência não só ampliou a consciência corporal, mas também estimulou a criatividade e a expressão verbal.

O circuito das emoções em um dos momentos de muito choro no berçário me recordo que criei um circuito motor em que cada estação representava uma emoção: alegria, surpresa, medo, tristeza. As crianças percorriam os desafios e, ao final, compartilhavam situações em que sentiram essas emoções. Essa prática ajudou na alfabetização emocional, aliando movimento e reconhecimento de sentimentos.

Busquei também a dança como linguagem corporal ao perceber o interesse das crianças por danças populares, propus que criássemos juntos coreografias inspiradas em músicas do folclore brasileiro. Elas experimentavam movimentos livres e, depois, compartilhavam como os gestos podiam contar histórias. A atividade potencializou o desenvolvimento motor e a expressão cultural.

No reviver destas práticas não poderia deixar de citar um dos Projetos que sinto muito orgulho que é *Brincadeiras do Mundo*, eu trouxe para a aula brincadeiras de diferentes países, como o “Elástico” (popular na América Latina) e o “Amarelinha Africana” (Morabaraba). As crianças se encantaram ao perceber que, em diversos lugares do mundo, brincar e se movimentar fazem parte da cultura. Ao final, representaram as descobertas por meio de desenhos e dramatizações.

São vivências e práticas que percebo hoje que na busca de encontrar uma identidade da minha prática enquanto Professora de EF na EI exigiu de mim a pesquisa o aprendizado e uma diversidade de práticas que aproximam a EF da EI com significado e ludicidade.

Alinhando esse pensamento com a literatura recente dedicada à compreensão da EF na EI, trago uma análise da presença da EF na EI a partir do que orienta a BNCC (Brasil, 2018). E de acordo com Bonfietti *et al.* (2019), o documento ainda é falho em certas colocações, talvez por ser contraditório quando pensamos em um diálogo desse documento com as produções acadêmicas, científicas e as práticas pedagógicas. As categorias do trabalho pedagógico com a EI discutidas pelos autores supracitados, estão divididas em: concepção de crianças; organização curricular; corpo/movimento; jogos/brincadeiras. Nesse movimento de pesquisa e de compreensão, podemos, de acordo com Mello *et al.* (2016), trazer uma análise dos documentos norteadores da EI (Brasil, 1998, 2013, 2018). Ressalto de antemão que não há uma menção direta em nenhum desses documentos sobre a EF.

Sayão (1999) e Ayoub (2001) trazem uma linha de pensamento em que consideram que a presença da EF na EI ocorra a partir de propostas educativas integradas ao projeto da instituição, vislumbrando uma docência articulada com as outras áreas de conhecimento e aos outros sujeitos. Essa defesa, segundo as autoras, pode proporcionar manifestações da cultura lúdica infantil, expressas por jogos e brincadeiras e pelas experiências infantis que se materializam nas ações corporais.

Como não existe vida profissional sem a vida pessoal, em 5 de fevereiro de 2013, a minha vida parou! Um dos momentos que não consigo descrever nestas linhas sem que as lágrimas venham em meus olhos! Foi o ano em que minha mãe faleceu. Toda essa trajetória profissional descrita até aqui e todos os meus esforços em me tornar uma profissional respeitada e bem-sucedida foram por ela, a minha mãe.

Quando bater a saudade
Olhe aqui pra cima
Sabe lá no céu, aquela estrelinha
Que eu muitas vezes mostrei pra você?

Hoje é minha morada
A minha casinha
Mesmo que de longe, tão pequenininha
Ela brilha mais toda vez que te vê

Enxugue esse rosto
E venha aqui fora, como de costume
Vamos conversar
Pra te alegrar tem até vaga-lume

Tem dia que vai piorar
Saudade vai apertar
Até que cê tá indo bem
Faz falta aqui pra mim também⁹

Transcrevo mais uma vez um trecho da música *Estrelinha*, porque esta pesquisa revela a vida em suas complexidades e delinea uma trajetória de estudos que não se inicia com a entrada na pós-graduação ou com os trabalhos de conclusão do curso de graduação. Trata-se de uma investigação que se entrelaça com a vida e que já se manifesta muito antes de sua formalização acadêmica (Pineau; Le Grand, 2012 *apud* Bragança; Santana, 2020, p. 27).

O que resulta para mim desse exercício filosófico sobre as três dimensões do sujeito – epistêmico, da experiência e autobiográfico – é que o *sujeito autobiográfico* religa no processo de autobiografização, o sujeito epistêmico e da experiência, oscilando e/ou priorizando um dos dois. Mediante o uso da linguagem (oral, escrita, digital, gestual, icônica...), ele se transforma em narrativa, poesia e história. Sua essência não é pois a vida (bíos), mas a narrativa (texto), na qual e pela qual ele se torna um outro (reinventa-se). **Não sou pior, nem melhor. Por enquanto sou historicamente quem sou.** (Bragança; Santana, 2020, p. 30, grifo nosso)

No mesmo ano, surgiu a oportunidade de substituir a Prof.^a Fabiana Tannus, responsável pelas disciplinas de *Metodologias e Prática de Dança, Natação e Ginás-*

⁹ Trecho da música *Estrelinha*, interpretada dupla sertaneja Di Paullo & Paulino com participação especial da cantora Marília Mendonça. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/marilia-mendonca/estrelinha-part-di-paullo-e-paulino/>. Acesso em: 22 jan. 2025.

tica na UEMG, que havia sido minha professora no Curso de Normal Superior e no curso de EF. A professora demonstrava ter um envolvimento profundo com o meio e também sempre foi uma pessoa dentro da área acadêmica que acreditou muito em minhas potencialidades. Foi ela quem me impulsionou a participar da designação para a substituição. Foi uma experiência gratificante poder contribuir com a formação de outros profissionais no curso de licenciatura em EF. Estar ali naquela posição me deu uma injeção de ânimo para retomar os estudos e as pesquisas, porém eu sentia que precisava me preparar melhor para assumir tal responsabilidade.

No ano de 2016, iniciei o curso de bacharel em EF na Faculdade Claretiano, no polo de Uberlândia/MG. Nesse mesmo ano, participei da equipe de reformulação curricular do colégio particular que eu atuava, em sua sede em Uberlândia/MG. Concomitantemente, busquei sempre participar de congressos, de seminários e de cursos de aperfeiçoamento, tanto no âmbito acadêmico quanto na ginástica de grupo.

Eu sempre caminhei entre esses dois campos, as academias e as escolas. Apesar de serem divergentes as suas práticas, até aquele momento eu era uma educadora física, que trago aqui como uma profissional que buscou aproveitar o leque de possibilidades que a EF traz. Claro que é válido ressaltar que o termo *educador físico* está incorreto e não existe na legislação brasileira. O correto é utilizar *profissional de EF* para bacharéis, licenciados e provisionados. O licenciado que atua em escolas é chamado de *professor de EF*. Naquele momento, eu me enxergava e era os dois, pelas condições de sobrevivência pessoal e por exigências profissionais.

Nesse contexto, eu estava designada pelo Estado em uma escola como coordenadora da Educação Integral. O colégio particular vivia uma fase muito delicada. Eu me sentia como parte das problemáticas e não conseguia me desligar. Mesmo assim, reduzi a minha carga horária de trabalho. Diante de todos os afazeres que se apresentavam, também estava à frente como coautora do projeto itinerante *Gira Girou* dentro do município de Ituiutaba/MG, juntamente com uma amiga/irmã, Ritiele Bonifácio, no qual percorríamos as escolas municipais levando arte, literatura e recreação na EI e no EJA.

Essas foram vivências valiosas. O processo de reconstrução de minha prática a todo momento proporcionou alavancar as minhas concepções de infância e o respeito ao processo de desenvolvimento do outro. Nesse sentido, ia compreendendo o

outro/a criança como um sujeito com bagagem de conhecimentos que devem ser aproveitadas em todo o processo de construção de aprendizagem, seja na leitura, na escrita ou no desenvolvimento motor. Ao caminhar nesse processo por meio do lúdico, compreendia que o trabalho educativo se tornava mais divertido, criativo e prazeroso. A aprendizagem saltava aos nossos olhos de maneira vultuosa, assim como para os sujeitos à nossa frente.

Sobre a atuação do professor com crianças, Zanotto, Alves e Januário (2022) demonstraram que o conhecimento docente sobre o infantil emerge do trabalho com as próprias crianças. Os autores realizaram um estudo sobre a base de conhecimentos para o ensino de EF na pré-escola com quatro docentes da rede pública de ensino. A pesquisa neste momento se apresenta para mim de forma muito clara, o que demorei a compreender que esta investigação buscou contribuir para a reflexão de como a área e o professor especialista podem, de maneira integral, constituir a EI. Diante do que foi escrito até agora, todo esse recordar alinhando com a revisão bibliográfica, apontam que a interação pedagógica diária com as crianças, bem como os conteúdos a serem ensinados, devem ser selecionados com base nos interesses das crianças, com ênfase em jogos e em brincadeiras populares. No mesmo sentido, destacam que a participação do professor de EF na EI deve ser articulada com outras áreas do conhecimento.

Essas considerações possibilitam tencionar as concepções imperantes do imaginário educativo e social da EF, na EI. Sobremaneira, a figura do professor com formação específica pouco acrescenta à educação das crianças, ao passo que endossa um processo formativo fragmentado da mesma. Para tanto, é preciso instigar pesquisas e reforçar as intenções assumidas nos âmbitos da formação inicial e continuada de professores de EF, analogamente, das condutas de planejamento e de implementação do ensino entre pares (Zanotto; Alves; Januário, 2022, p. 15).

O estudo de Zanotto, Alves e Januário (2022) reforça a importância da formação continuada, da especialização principalmente ao demonstrar que o conhecimento docente sobre a criança é construído no contato diário e na interação pedagógica com elas. A seleção de conteúdos baseada nos interesses infantis, especialmente por meio de jogos e de brincadeiras populares, revela-se essencial para que a prática pedagógica do professor se torne integrada e relevante. Além disso, a articulação com outras áreas do conhecimento é apontada como fundamental para superar a visão fragmentada da formação e do ensino nessa etapa.

A reconstrução constante da minha prática docente revelou-se um caminho de profundo aprendizado, possibilitando ampliar a minha compreensão sobre a infância, com respeito ao processo de desenvolvimento e valorizando as bagagens de conhecimento que cada criança carrega. Nesse percurso, eu já percebia que o lúdico não era apenas uma ferramenta pedagógica, mas uma essência do trabalho educativo na EI, capaz de transformar o processo de aprendizagem em uma experiência apreciável, criativa e prazerosa tanto para as crianças quanto para o professor.

Essas reflexões tencionam as concepções tradicionais sobre o papel do professor de EF na EI, desafiando a ideia de que a sua formação específica pouco contribui para o desenvolvimento das crianças. Elas evidenciam a necessidade de um olhar mais atento e intencional na formação inicial e continuada, assim como na prática compartilhada entre pares. Essa articulação potencializa o planejamento e a implementação de um ensino alinhado às necessidades e aos interesses das crianças, promovendo uma educação integral e significativa.

Portanto, a experiência vivida e as contribuições teóricas apresentadas apontam para a relevância de um trabalho educativo que reconheça o protagonismo infantil, que valorize o lúdico e que instigue a interação entre saberes. Assim, reafirma-se a importância do professor de EF na EI como um mediador capaz de articular teoria e prática em prol de uma aprendizagem transformadora.

2.5 A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO MEIO DE CONEXÃO COM O MUNDO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A Educação Física na infância é como um feitiço encantado, transformando movimentos em brincadeiras, e cada sorriso é uma pista de que a magia da aprendizagem está acontecendo.
Autor desconhecido

Figura 9 – Docência como professora de Educação Física



Fonte: arquivos da autora.

A EF desempenha um papel essencial na EI, atuando como uma ponte para integrar as crianças ao universo educativo e social, promovendo o seu desenvolvimento integral. Nesta seção, a minha conexão com o mundo da EI foi se alinhando por meio de atividades que exploram a cultura corporal, o movimento e a interação, com a EF, contribuindo para a construção de habilidades motoras, cognitivas, emocionais e sociais. Além disso, eu já conseguia compreender que por meio da EF existia e existe a possibilidade de que as crianças compreendam e participem do mundo ao seu redor de forma criativa, crítica e lúdica, fortalecendo conexões com o outro, o meio ambiente e os saberes culturais.

Em 2016, fui aprovada em concurso público municipal para o cargo de Professora de EF na Educação Básica IV. Durante o processo de escolha, optei pela EI sem hesitar, pois já atuava no ensino particular como Professora de EF da EI ao Ensino Fundamental 1. Esse momento marcou o início de uma jornada em que desenvolvi práticas pedagógicas que dialogassem com a BNCC (Brasil, 2018), abrangendo três formas de trabalhar a cultura corporal: educar por meio do movimento, pelo movimento e sobre o movimento. Essa integração busca promover o desenvolvimento integral das crianças, incluindo aspectos físicos, cognitivos, emocionais e sociais.

De acordo com o Coletivo de Autores (1992), a EF deve transcender a prática esportiva, promovendo uma construção de conhecimento integral. A perspectiva crítica da EF na escola sustenta que a EF deve ser compreendida como uma prática cultural e social que contribui para a formação cidadã. Essa abordagem não foca exclusivamente no aprimoramento físico, mas na construção de uma consciência crítica, ética e reflexiva.

No início da minha carreira, percebi a dificuldade de definir a perspectiva teórica adotada em meus planejamentos e ações de ensino. Foi apenas ao revisitar a minha trajetória acadêmica e prática, especialmente por meio das discussões no ProEF, que compreendi que a minha prática se aproxima das abordagens críticas da EF. Esse processo de autodescoberta revelou a importância de selecionar conteúdos que não apenas estimulassem a execução de movimentos, mas que também promovessem o pensamento crítico e reflexivo.

A BNCC (Brasil, 2018) e o Currículo Referência de Minas Gerais (CRMG) (Minas Gerais, 2018) reforçam essa visão ao destacar o Campo de Experiência *Corpo, Gesto e Movimento* como central na EI. No entanto, como enfatizam Bonfietti *et al.* (2019), a EF na EI pode enriquecer todos os campos de experiência, contribuindo para o desenvolvimento integral das crianças.

Ao longo de minha formação e prática, compreendi que a EF na EI deve transcender os limites do físico, abordando aspectos sociais, culturais e éticos. Darido (2012) e Sayão (1999) corroboram quando propõem que a adaptação dos temas da cultura corporal (esportes, danças, jogos e brincadeiras) para diferentes idades e habilidades garante uma participação inclusiva e promove benefícios psicossociais. Essa visão interdisciplinar e integradora permite à EF na EI dialogar com outros campos do conhecimento, enriquecendo as experiências de aprendizagem.

Ao revisitar minhas experiências para compreender a minha trajetória de vida e de formação, busquei, por meio deste memorial, reencontrar as diversas versões de mim mesma. Ao narrar e refletir, percebo como os aspectos críticos da EF foram se consolidando em minha prática, fundamentados na compreensão de que a EF é uma ferramenta essencial para explorar, experimentar e descobrir.

Inspirada por abordagens críticas defendidas por autores como Bracht (2005) Kunz (1994), Neira (2018) e o Coletivo de Autores (1992), reconheço que essa

perspectiva promove uma aprendizagem significativa, que transcende a mera repetição de movimentos. Assim, neste momento da minha formação, sinto-me mais segura e consolidada em relação às concepções críticas da EF, compreendendo o seu potencial transformador na educação.

Nessa abstração de mim mesma, posso ver um novo *eu* que foi sendo construído ao longo de experiências exitosas e outras nem tanto, mas que serviram como aprendizados. Chegar à maturidade de olhar para a minha prática e assimilar que a EF na EI pode promover a compreensão e respeitar as diferentes fases de desenvolvimento das crianças, considerando as suas necessidades específicas em cada etapa, é satisfatório. Este revisitar possibilita me compreender, compreender os medos, as inseguranças, os momentos exitosos, os momentos que posso caracterizar como sendo de contribuições significativas no desenvolvimento das crianças.

Hoje, encontrar os meus ex-alunos e ouvir que a minha postura na educação fez sentido para a vida deles não têm preço. Ao rememorar a minha trajetória, ao olhar para essa docência, compreendo que, mesmo a duras penas, fui me construindo professora e que cada momento feliz ou triste foi de grande aprendizado.

Trabalhar de maneira interdisciplinar, em diálogo com docentes de outras áreas do conhecimento, inicialmente foi um desafio para mim, devido à falta de interação e de abertura com as colegas regentes. Não consigo ainda compreender como minhas colegas me enxergavam, pois eu era uma pessoa com pouca idade e já uma experiência 18 anos na Educação com 33 anos de idade. No entanto, aos poucos, conquistei meus espaços e realizei trabalhos significativos em diversas frentes, como na inclusão, na indisciplina, na psicomotricidade e em cargos de gestão escolar. Acredito que esses espaços foram oportunizados pela minha postura, minha prática, minha docência e minha história, que foram se constituindo ao longo dos anos e trouxeram para as escolas uma EF na EI baseada na ação, na reflexão e na ação, que se dão simultaneamente.

Portanto, a busca da teoria em detrimento da prática ou vice-versa faz com que a reflexão crítica do trabalho docente se torne incompleta. É importante que o professor seja considerado produtor de sua prática e de seu próprio saber, ou seja, produtor de suas práxis. Para isso, prescinde a reflexão sobre a prática.

Minha formação acadêmica em EF, assim como a de outros colegas, não abordou de maneira aprofundada a atuação na EI, nem a concepção de currículo específica para essa etapa. Muito do que implementei na prática com as crianças foi resultado de conhecimentos adquiridos de forma autônoma, por meio de autoestudo e de cursos de aperfeiçoamento em áreas como artes, música, dança e recreação. Essa experimentação constante moldou a minha identidade como *Tia Gra*, professora de EF na EI, numa construção diária e adaptativa.

Em 2019, já atuando como professora de EF na EI, participei de grupos de estudo organizados pela instituição pública da Prefeitura Municipal de Ituiutaba/MG em que trabalhava. Esses encontros, realizados nos momentos de formação continuada, visavam compreender as mudanças propostas pela BNCC e pelo CRMG. Homologado em dezembro de 2018, o CRMG foi elaborado em colaboração entre a Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais (SEE/MG) e a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação de Minas Gerais (Undime-MG), a partir da BNCC, e representa a revisão das diretrizes curriculares de todas as redes educacionais mineiras, reafirmando a importância de um currículo integrado e reflexivo na EI.

Iniciou-se então a reformulação dos Planejamentos Anuais e Planejamentos de aula. A rede municipal propôs cursos e assembleias para a melhor compreensão das diretrizes do documento. Até então, eu organizava a minha conduta pedagógica entre o RCNEI, DCNEI e os PCNs, mas agora teria uma única normativa que trazia a junção de todos os outros documentos para alinhar a prática docente. Vale ressaltar que isso não nos impedia de elaborarmos o nosso currículo, desde que tivéssemos como norteador o documento proposto.

Nas instituições de Ituiutaba/MG, o processo de transição e de compreensão dessa documentação foi muito tranquilo, com a Prefeitura Municipal trazendo para a escola profissionais que compreendiam as normativas, a fim de dar maiores esclarecimentos e nos orientar no que dizia respeito à adequação dos planejamentos e à construção do currículo. Na escola, tive pela primeira vez contato com o livro didático do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) para a EI, porém não havia sugestões específicas para a EF, havendo apenas indicações de forma geral para Campo de Experiência Corpo, Gestos e Movimentos presente na BNCC (Brasil, 2018). Assim, a minha trajetória foi marcada por desafios e conquistas, desde a adaptação ao uso de materiais, como o PNLD, até a resignificação da EF na EI em

diálogo com a BNCC e o CRMG. Esses documentos trouxeram uma estruturação mais clara para as práticas pedagógicas e também destacaram a necessidade de uma abordagem reflexiva e alinhada às realidades locais.

Esses momentos de debate para estudo e compreensão dos documentos norteadores, novamente foram afloradas *inquietação*, porque mesmo eu entendendo que a minha postura pedagógica não estava tão distante do que era proposto, eu discutia comigo mesma como eu iria organizar um componente curricular tão rico como a EF na EI a partir do que orienta a BNCC (Brasil, 2018). Em minha interpretação, segundo o que estava sendo proposto nas reuniões do município, a EF na EI só contemplaria o Campo de Experiência Corpo, Gesto e Movimento, tanto que as leituras de outras temáticas nem eram compartilhadas comigo.

De acordo com Silva (2016, p. 12 *apud* Mello *et al.*, 2016), embora exista um conjunto de normas que regulamenta a EF na Educação Básica, ainda não há uma definição clara sobre qual profissional deve atuar no Campo de Experiência dedicado ao movimento na EI. Essa responsabilidade pode ser atribuída tanto a pedagogos quanto a professores de EF, dependendo das orientações adotadas por cada município em relação à legislação vigente. Bonfietti *et al.* (2019) destacam que a BNCC reconhece a importância das experiências corporais e gestuais na EI, legitimando a EF como a área responsável pelo Campo de Experiência Corpo, Gestos e Movimentos. Além disso, a EF contribui para todos os outros campos de experiência, promovendo o desenvolvimento integral das crianças.

Eu sentia que a BNCC (Brasil, 2018) não dialogava com as produções acadêmicas as quais eu tinha acesso, pois todo o material acadêmico e os cursos de formação contemplavam *o todo*, a EF na EI como um processo em conjunto, em que essa área do conhecimento estava presente em todos os Campos de Experiência (a saber: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações), ao menos no meu entendimento. Não havia como, naquele momento, limitar-me apenas ao corpo, aos gestos e ao movimento. Em revisitação aos meus registros de aula, observo descrições de ao menos três ou quatro Campos de Experiência abordados em uma aula ou atividade.

A EF, como componente curricular na EI, apresenta-se como um meio essencial para conectar as crianças aos múltiplos Campos de Experiência propostos pela BNCC (Brasil, 2018). Contudo, a prática em Ituiutaba/MG revelou uma visão limitada, que restringia a EF apenas à temática Corpo, Gestos e Movimentos. Essa delimitação não dialogava com a minha formação e inquietações pedagógicas, que reconheciam a EF como um processo integrado e interdisciplinar, capaz de abarcar todos os campos de experiência de forma articulada e intensa.

Nessa trajetória, assumi, em alguns momentos, função de “apêndice” da EI, o que, na visão de Bonfietti *et al.* (2019), demonstra que a presença do especialista de EF nessa etapa vem acompanhada de alguns desafios, entre eles: a falta de estrutura adequada para as aulas (em minha realidade aulas ministradas onde dava: perto da escada, perto do portão da escola, no pátio entre as salas de aula); a visão limitada do movimento como mero exercício físico; a descontinuidade no vínculo professor/aluno devido à fragmentação da carga horária; a falta de formação inicial e continuada para atuar nessa etapa; passividade dos profissionais em não aprofundar o seu conhecimento e sair do *apêndice*, buscando ser valorizado; interdisciplinaridade.

A EF, historicamente, tem se caracterizado pela constante busca por estratégias que possibilitem a realização de práticas pedagógicas significativas, mesmo diante da escassez de recursos. Nesse contexto, evidencia-se a criatividade dos docentes ao potencializar os materiais disponíveis nas instituições de ensino, seja por meio da reutilização de objetos ou da produção de materiais pedagógicos alternativos. Estudos recentes têm discutido a necessidade de superar a precarização das condições de trabalho na área, destacando a importância de políticas institucionais que garantam infraestrutura adequada e formação continuada para os professores. Além disso, há um movimento crescente na literatura acadêmica que enfatiza a relevância de metodologias inovadoras e do protagonismo docente na construção de experiências que favoreçam o desenvolvimento integral das crianças, alinhando-se às diretrizes curriculares e às abordagens contemporâneas da EF na EI.

Entendo que, quando o sistema de ensino e os costumes de um lugar estão enraizados em um ciclo ou em determinada cultura esportista, propor algo diferente é visto como estranho. Nesse cenário, buscar o embasamento de nossa prática na BNCC (Brasil, 2018) pode gerar incômodo no outro, no sentido de promover um ensino significativo para a vida e não apenas um treino ou simplesmente *rolar a bola*. A partir

dessa perspectiva, fui conduzindo a minha docência. Eu ainda me sentia um pouco desorientada na escola e as minhas sugestões não eram bem acolhidas, afinal eu estava ainda chegando como efetiva e alguns professores novos na instituição não me conheciam. Eu era só a professora de EF.

Ao revisitar as minhas práticas e reflexões, percebi que, mesmo diante das orientações municipais, minhas aulas sempre transcenderam essa visão, pois promoviam o envolvimento das crianças em atividades que exploravam a totalidade da EI. Com isso, a EF na EI reafirma o seu potencial de integração e de conexão com o mundo, contribuindo para o desenvolvimento integral das crianças e evidenciando a necessidade de uma abordagem mais ampla e reflexiva em sua implementação.

O período da pandemia de Covid-19 (2020-2021), por sua vez, trouxe um dos maiores desafios para a humanidade. À época, houve a necessidade de reinventarmos a EI e a EF, buscando novas perspectivas para a prática pedagógica. A adoção de tecnologias e de metodologias ativas mostrou-se crucial para manter o vínculo com os alunos, evidenciando o papel criativo e adaptável do professor de EF. Eu já tinha uma certa habilidade com recursos tecnológicos e, com o período de isolamento social, aproveitei esse meu conhecimento devido à necessidade de buscar novas metodologias para alcançar os alunos. Ingressei em vários cursos sobre metodologias ativas e das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) na Educação. Acredito que esse foi o momento profissional em que mais me dediquei ao planejamento de aulas diversificadas, criativas e condizentes ao que os meus alunos necessitavam. Então, a tal da *inquietação* me fez estudar.

Em meio a várias formas de diminuir a distância em relação às crianças, busquei mecanismos para não sobrecarregar o celular dos pais e para que a aula ficasse disponível no momento em que a criança tivesse acesso ao aparelho. Ativei o meu canal do *YouTube*¹⁰, onde eu poderia enviar as aulas tanto para os alunos da EI quanto do Fundamental 1 (e também para as minhas alunas da academia).

¹⁰ Endereço eletrônico para acessar a minha página no *YouTube*:
<https://www.youtube.com/channel/UCEGO5HQrpKDTJOwVqV5tNQ>
. Acesso em: 23 jan. 2025.

Figura 10 – Aulas remotas (2020)



Fonte:

https://youtube.com/playlist?list=PL6HMILUVj06wa3f_5dCTaLJ9bCxKnSbXL&si=L4MMFguBeJFATsdP

Acesso em: 23 jan. 2025.

Figura 11 – Aulas remotas (2021)



Fonte:

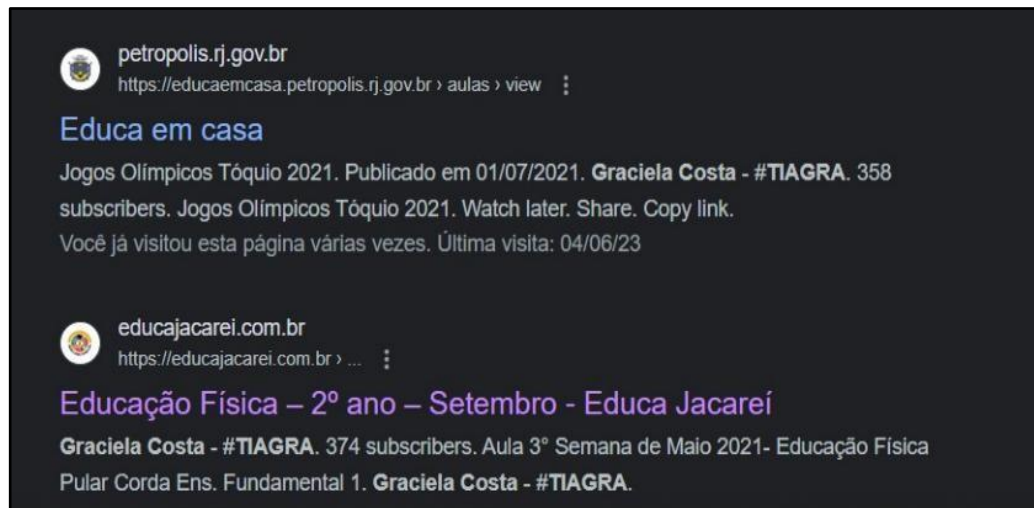
youtube.com/playlist?list=PL6HMILUVj06wa3f_5dCTaLJ9bCxKnSbXL&si=L4MMFguBeJFATsdP

. Acesso em: 23 jan. 2025.

A cada aula gravada e a cada retorno das crianças na execução das atividades, fui evoluindo e podendo proporcionar, mesmo que distante, um momento de diversão e de aprendizagem para as crianças. Embora todo aquele caos que vivíamos, sentia uma felicidade tão grande porque eu e as crianças conseguíamos nos comunicar por meio dos meus vídeos e dos vídeos que as famílias gravavam.

Depois do período de pandemia, em uma pesquisa avulsa em um *site* de buscas, descobri que outras prefeituras também utilizavam as minhas aulas remotas como recurso didático durante o período de pandemia.

Figura 12 – Vídeos do meu Canal do *YouTube* utilizados pela Prefeitura de Petrópolis/RJ e pela Prefeitura de Jacareí/SP



Fonte: Busca no *Google*.

A elaboração deste memorial na forma de uma narrativa autobiográfica é permeada por um sentimento indecifrável. Refletindo sobre a minha trajetória, percebo que existe uma Graciela Eurides Costa antes da pandemia, um período em que todos nós, enquanto seres humanos, fomos compelidos a nos reinventar. Naquele momento, era impossível prever como seria a vida após o isolamento. O que vivenciamos anteriormente não é mais o mesmo. O que se tornou evidente em tudo que enfrentamos é a necessidade intrínseca da relação com o outro para a nossa sobrevivência. Esse período gerou muitas incertezas, mas a escrita deste memorial oferece uma oportunidade de releitura que me transforma e provoca a minha evolução.

A cada planejamento, surgia a preocupação se as minhas aulas seriam envolventes para as crianças, se elas estariam dispostas a participar das atividades propostas. Esse era um processo de reconstrução contínuo, sempre em autoavaliação. Quando me proponho em realizar uma reflexão sobre a formação do leitor, tanto do texto memorialístico que estou construindo, quanto do leitor de minhas aulas enquanto professora, pensando no processo de interpretação e compreensão no contexto da EI. Trago aqui uma breve reflexão da importância de se considerar o olhar do aluno e o contexto de ensino para compreender o que está sendo comunicado na sala de aula, especialmente quando a presença física do professor não é possível. Assim, a formação do leitor se revela cada dia mais crucial. Acerca das narrativas autobiográficas, Ferreira, Prada e Aragão (2015, p. 213) destacam:

De certa forma, as lições registradas deixam de ser um evento particular para tornar-se experiência compartilhada: autor, personagens e interlocutores encontram no texto um ponto para diálogo e elaboração de reflexões acerca das próprias vivências.

O que é escolhido para ser contado traz em si também as renúncias, os contextos, a figura e o fundo. Narrar permite àqueles que escutam/leem questionar seus próprios caminhos, suas histórias e a rememorar seu próprio percurso.

Após a minha segunda gestação, senti a necessidade de buscar mais conhecimento para contribuir com o desenvolvimento das crianças da EI. Já mãe de duas crianças, ingressei, no ano de 2021, em um curso de pós-graduação *online* em psicomotricidade no Centro Universitário OPET – UNIOPET/RHEMA.

Percebi que, com o retorno às aulas presenciais, as crianças apresentavam condições motoras em defasagem da faixa etária. Mesmo com todos os meus esforços e das famílias, o *online* não oferecia a qualidade do presencial. Naquele momento, acreditei que a psicomotricidade poderia dar um suporte, uma segurança maior para trabalhar. A psicomotricidade tem como meta motivar a capacidade sensitiva por meio das sensações e das relações entre o corpo e o exterior (o outro e as coisas), além de cultivar a capacidade perceptiva mediante o conhecimento dos movimentos e da resposta corporal.

Essa inquietação foi me instigando a buscar cada vez mais compreender a área da Educação Especial. Assim, visando melhorar o meu desempenho no Instituto Lígia Maria e a Escola CAIC com o objetivo de ajudar e de compreender o desenvolvimento das crianças, concluí em 2023 mais uma pós-graduação, dessa vez pelo OPET – UNIOPET/ RHEMA de Neuropsicomotricidade, que é uma abordagem que foca no desenvolvimento da estrutura, das funções e das disfunções no cérebro. Isso mostra o quanto o conhecimento sobre o tema é importante. Ao mesmo tempo, ingressei no mestrado. Não foi fácil, o início e a conclusão da pós-graduação ao mesmo tempo.

Na ocasião, sabia que, com essa nova oportunidade de trabalho, o que eu mais teria de fazer era estudar, estudar muito. Tive que buscar os meus conhecimentos de bacharel para compreender que as duas principais dificuldades motoras apresentadas por crianças atípicas são: hipotonia (baixo tônus e força muscular) e apraxia (prejuízo na habilidade de executar movimentos hábeis, apesar de possuir a habilidade física e

o desejo de executar). Da mesma forma, tive que mobilizar os conhecimentos obtidos nos cursos de licenciatura para entender que uma criança atípica requer mais esforço e dedicação para aprender certos movimentos, por isso ela precisa de mais estímulos, tendo o lúdico como meio para estimular a curiosidade, a autoconfiança e a autonomia, que juntos proporcionam o desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da concentração e da atenção.

Desde que compreendi que o conhecimento me instigava e que cada novo aprendizado, cada nova pesquisa amplia o meu campo profissional, possibilitando executar com mais excelência a minha profissão, estive sempre objetivando um curso de mestrado.

Quando conheci o ProEF, percebi que seria esse o melhor caminho para buscar as respostas e aprofundar os meus estudos quanto à relação do desenvolvimento motor, social, afetivo e cognitivo das crianças, tenha ela comprometimentos motores ou não. Por meio do estudo da prática docente e do aprofundamento na EI, em busca de respostas sobre qual o lugar da EF nesse segmento, acredito estar muito claro ao longo desta narrativa que minha docência sempre percorreu os campos da recreação e da psicomotricidade, porém eu não conseguia até o momento ter clareza sobre a EF na EI, sobre qual a sua real função, sobre quais contribuições são mais eficazes.

Fugindo da organização cronológica desta narrativa, por acreditar que seja o momento ideal de relatar uma das experiências no ProEF, trago a disciplina que, para mim, foi a primeira com o objetivo de causar inquietações e de nos provocar reflexões e análises do cotidiano escolar: “Problemáticas da Educação Física”. Em sua apresentação, a disciplina traz o seguinte propósito:

Seja bem-vindo(a) à primeira disciplina do PROEF, intitulada “Problemáticas da Educação Física”. Ela possui textos que foram elaborados por alguns(mas) autores(as) especialmente para este programa. De modo geral, o intuito dos(as) autores(as) com os textos é apresentar e promover reflexões sobre alguns problemas identificados na disciplina de Educação Física escolar.

[...]

As problemáticas aqui destacadas são seis e têm relação com dilemas que afetam os(as) professores(as) de Educação Física diretamente na prática pedagógica. Além de apresentá-las, buscaremos apontar e construir juntos(as) alternativas para o enfrentamento das mesmas (Recorte extraído

da Apresentação da Disciplina 1 – ministrada no ambiente AVA do PROEF e presencialmente no Polo UFG-FEFD, 2023, *n.p.*).

A disciplina de Problemáticas da Educação Física abordou diversas particularidades relacionadas à atuação docentes na EF, incluindo fatores que sustentam práticas tradicionais, abandono de trabalho, práticas inovadoras, relação teoria e prática, aspectos legais, desafios no trato com estudantes em casos de indisciplina e de afastamento, dificuldades no ensino do esporte escolar e questões de gênero.

Na primeira semana, a atividade proposta incentivou a reflexão sobre as categorias de análise das atuações docentes descritas por Albuquerque e Del-Masso (2020): o processo de transformação da área; condições objetivas de trabalho; cultura escolar e a sua relação com a disciplina; e disposições sociais do professor no contexto de trabalho. Essas categorias evidenciam desafios, principalmente em escolas públicas, que desmotivam os professores e dificultam o processo de ensino-aprendizagem.

O texto destaca a relevância de um planejamento pedagógico dinâmico e envolvente, apoiado por recursos materiais que, embora úteis, não devem ser a única solução. A prática docente exige criatividade e superação de limitações do contexto escolar. Ademais, mesmo com dedicação e inovação, o êxito do trabalho docente depende do suporte da gestão pedagógica e de condições estruturais adequadas.

Os artigos e discussões promovidos pelo ProEF nos incentivaram a repensar a influência da EF em nossa trajetória, desde a Educação Básica até o presente, por meio de análises críticas realizadas em fóruns virtuais e em encontros presenciais.

Desde então, passei a me aprofundar em leituras mais reflexiva sobre o processo de formação. Segundo Prado, Soligo e Simas (2010, p. 206), “o professor deve se aperfeiçoar continuamente durante sua atuação; não há interrupção do tempo nem restrição do espaço de trabalho”. A cada experiência vivida, os conhecimentos são reorganizados e integrados a novas percepções, gerando novas compreensões sobre sua prática e levando o profissional a formular novas questões:

Nas respostas sempre inacabadas para tais questionamentos, recorreremos a Freire (1974, p. 44) “Quanto mais formos capazes de descobrir porque somos

aquilo que somos, tanto mais nos será possível compreender porque a realidade é o que é". A experiência da escrita é um exercício de transformação de nós mesmos, através dela organizamos o pensamento, reafirmamos e transformamos conceitos (Silva *et al.*, 2016, p. 27)

Estabelecendo uma ponte a um momento no qual toda esta escrita se fez mais clara, na disciplina *Seminários de Pesquisa Científica em EF – Semana 2*, por volta de maio de 2023, foi proposta a escrita do memorial, com a seguinte orientação: *sua apresentação e articulação entre sua trajetória considerando as dimensões acadêmica, profissional e/ou pessoal*. Nesse momento, já havíamos iniciado as reuniões de orientação, então o entrelaçar das aulas dentro do ProEF e as discussões e estudos do memorial desta pesquisa foram se complementando.

Benjamin (1994, p. 198) acredita que a arte de narrar está em vias de extinção, porque as pessoas não sabem mais narrar, o que narrar ou como narrar. Questiono-me como será que estão os incentivos acadêmicos para esse movimento, porque em uma trajetória de formações continuadas não me recordo, antes do ProEF, de ter esse incentivo, somente constatei relatos de experiências.

A partir das provocações do ProEF, principalmente na disciplina de EF na EI e nos Iniciais do Ensino Fundamental, surgiu um debate em que fui questionada por um dos colegas qual era a abordagem que eu seguia em meus planejamentos e prática de ensino. Não soube responder, por que nunca houve a necessidade dessa análise. Eu sabia o que não queria, mas não conseguia precisar qual abordagem estava aplicando ou como classificar a minha forma habitual de agir.

A adoção de uma perspectiva crítico-superadora (Coletivo de Autores, 1992) dos preceitos da EF levados para a EI indica a valorização da criança como sujeito crítico e participante do processo de ensino-aprendizagem. Essa abordagem permite que, desde cedo, as crianças desenvolvam consciência crítica, criatividade e autonomia. Para professores como eu, revisitar as próprias práticas por meio de narrativas autobiográficas possibilita não apenas a compreensão do que foi feito, mas também a transformação contínua da prática pedagógica, criando pontes entre teoria, prática e contexto social.

Podemos ancorar a minha narrativa na perspectiva de Marilena Chauí (2000), quando destaco o movimento renovador na EF como um deslocamento crítico em relação às

abordagens tradicionais. O movimento renovador na EF surge, especialmente a partir dos anos 1980, como uma crítica ao modelo tecnicista e biologicista, que via o corpo como máquina e a prática como mero treinamento motor. Essa renovação traz a ideia de que a EF deve ser compreendida no âmbito das Ciências Humanas e Sociais, considerando a cultura corporal e o desenvolvimento crítico dos sujeitos. Nesse sentido, Chaui analisa o conceito de ideologia e como certos discursos são naturalizados, tornando-se "invisíveis" enquanto condicionam práticas e modos de pensar. Isso é essencial para compreender a virada renovadora na EF, que, no caso, se opõe ao paradigma tradicional focado no rendimento e na aptidão física.

Quando narro minha trajetória e pesquisa, estou fazendo um movimento reflexivo que problematiza o campo da EF na EI, situando-me no viés crítico. Ou seja, minha pesquisa não é neutra: eu sou uma pesquisadora inserida no campo crítico da EF, dialogando com a tradição da perspectiva histórico-crítica e da pedagogia crítico-superadora. Esse posicionamento reforça que minha narrativa autobiográfica não é apenas uma história pessoal, mas um instrumento de análise e transformação das práticas pedagógicas.

O ProEF proporcionou estudos, discussões e reflexões que foram norteando os meus conhecimentos, objetivando não só a produção do conhecimento aqui descrito, mas também instigando a me posicionar histórica e pedagogicamente acerca de todas as evoluções que a EF sofre ao longo da história da Educação.

A reflexão sobre as experiências individuais e coletivas se torna um instrumento poderoso para fortalecer a identidade profissional dos docentes e consolidar práticas pedagógicas que assegurem uma EF significativa e integrada ao universo da EI. O investimento em formação continuada e pesquisa é, portanto, um caminho fundamental para garantir que a EF cumpra seu papel de conectar as crianças ao mundo, promovendo seu desenvolvimento integral.

Ações corporais surgiram-me como um meio de ampliar minhas pesquisas e conhecimentos, em que, numa proposta de trabalho com crianças atípicas, o intuito seria o desenvolvimento e o estímulo motor. Rememoro os momentos em formação nos quais presidi uma oficina de psicomotricidade para o município de Ituiutaba/MG. Ao longo desse evento, uma pessoa me perguntou: *como é o seu trabalho com o*

*estímulo motor com crianças atípicas? Minha resposta foi: em primeiro lugar, você me responde. O que elas são antes do laudo? Crianças!*¹¹

Dentre uma variedade de temas, optei por narrar experiências que, sem dúvida, impactaram a minha formação. Essas vivências me apresentaram a possibilidade de atuar como professora tanto na rede pública quanto na rede particular, além de me permitirem exercer diversas funções no ambiente escolar, como Amiga da Escola, Monitora de Dança, Professora de Educação Física, Coordenadora e Integrar a Equipe Gestora. A minha trajetória inclui a busca contínua por conhecimento e pesquisa, refletindo uma inquietude que me levou a explorar caminhos não inicialmente previstos em minha carreira docente. Compartilho a minha história com o intuito de revelar a minha identidade como professora e pesquisadora que reflete criticamente sobre a sua própria prática.

¹¹ Diálogo ocorrido durante o 2º Seminário Municipal de Educação Especial, Inclusiva e Multicultural de Ituiutaba, entre 5 e 7 de julho de 2023.

3 EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

3.1 A EDUCAÇÃO FÍSICA E SUA PRESENÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A EF na EI é reconhecida como um componente essencial para o desenvolvimento integral das crianças. A sua presença, entretanto, enfrenta desafios relacionados à legitimidade, à especificidade curricular e à prática pedagógica. Este capítulo explora a relevância da EF como promotora do desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e social, enfatizando o movimento como linguagem e ferramenta de expressão, bem como a sua contribuição para a construção de uma base cultural crítica e profunda para as crianças desde a tenra infância.

A indissociabilidade entre educar e cuidar na EI mostra que, desde os anos 1990, com a publicação do RCNEI (Brasil, 1999), e mais recentemente com a BNCC (Brasil, 2018), consolida-se a ideia de que educar e cuidar são práticas indissociáveis. Essas diretrizes destacam que o cuidado deve ser mediador do desenvolvimento humano e que educar integra o cuidado à exploração do mundo e ao conhecimento.

Os documentos norteadores, como o RCNEI (Brasil, 1998), as DCNEI (Brasil, 2010) e a BNCC (Brasil, 2018), reconhecem a importância das experiências corporais e gestuais na EI, mas ainda apresentam lacunas quanto à especificidade, à definição e à valorização da EF nessa etapa. A postura da EF na EI é influenciada por uma série de fatores que estão intrinsecamente presentes nos documentos norteadores da educação brasileira (Brasil, 2010, 2018). Esses documentos enfatizam a importância de uma prática pedagógica que considere o desenvolvimento integral das crianças, promovendo o movimento como uma forma de expressão, interação e aprendizagem, fundamental para o desenvolvimento motor e cognitivo na primeira infância.

Freire (1997) defende que o movimento é uma forma de linguagem essencial para que as crianças compreendam e interajam com o mundo. O educador sugere que a EF deve valorizar essa linguagem, possibilitando às crianças ler e escrever o mundo por meio do corpo. Ao considerar o movimento como linguagem, o brincar aparece como central na infância, pois configura um espaço no qual as crianças organizam suas próprias experiências corporais e expressam suas singularidades. Complementarmente, o Coletivo de Autores (1992) propõe uma abordagem crítica da EF, conectando o movimento ao contexto social e cultural das crianças. Assim, a EF

não deve se limitar ao desenvolvimento motor, ampliando os seus horizontes para uma compreensão integral que englobe o cognitivo, o social e o cultural.

Enquanto Freire (1997) foca no conceito de leitura motora como forma de expressão e de comunicação da criança com o mundo, o Coletivo de Autores (1992) amplia essa visão ao considerar o contexto social e cultural do movimento. Em outras palavras, a leitura motora, para o Coletivo de Autores (1992), também é uma ferramenta para que as crianças se conectem com as práticas culturais e sociais ao seu redor. Ambos sugerem que a EF na EI precisa permitir que as crianças explorem os seus corpos em movimento de maneira livre e significativa, criando uma conexão profunda com a realidade em que vivem.

A contribuição de ambos os referenciais é crucial para entender como a EF se insere na EI e como pode contribuir para o desenvolvimento integral das crianças. O conceito de leitura motora, visto através do prisma de Freire, e a postura crítica e cultural do Coletivo de Autores formam uma base que apoia práticas pedagógicas inclusivas, interativas e focadas no desenvolvimento global das crianças, alinhando-se com as diretrizes curriculares que visam uma educação que respeite a infância e valorize as diferentes formas de expressão e interação das crianças.

Farias *et al.* (2019) e Mello *et al.* (2016) enfatizam que a prática pedagógica do professor de EF na EI deve ser orientada por uma reflexão crítica sobre os contextos sociais, culturais e históricos das crianças. Além disso, Farias *et al.* (2019) argumentam que o professor deve ser capaz de adaptar as suas práticas às realidades das crianças, promovendo atividades que sejam culturalmente profundas e que respeitem as tradições e os valores das comunidades em que estão inseridas. Mello *et al.* (2016) destacam a importância de uma formação continuada para os professores de EF, que os prepare para lidar com as complexidades e os desafios da EI, garantindo uma prática pedagógica de qualidade e que contribua para o desenvolvimento integral das crianças.

Ao buscar perspectivas para a EF na EI que trazem uma compreensão quanto aos questionamentos e apontamentos desses autores, observamos que a docência da EF na EI deve ser integrada de maneira interdisciplinar, promovendo atividades que promovam o desenvolvimento cultural, físico, social, emocional, cognitivo e artístico das crianças. Nesse sentido, a avaliação contínua e formativa é fundamental

para acompanhar o progresso das crianças, adaptando o planejamento conforme às suas necessidades individuais e interesses.

Perini e Bracht (2016) reforçam a centralidade da corporeidade e movimentabilidade na infância, afirmando que o movimento dá sentido e significado às experiências das crianças, sendo expressão concreta de modos de viver e entender o mundo. Por meio do movimento, entendido como linguagem e expressão cultural, a EF contribui significativamente para a construção de uma base crítica e cultural na infância, alinhando-se às reflexões dos autores sobre cultura corporal, corporeidade e movimento como elementos centrais na experiência humana. No entanto, para alcançar o seu pleno potencial, a EF precisa de reconhecimento curricular, formação docente adequada e práticas pedagógicas que respeitem as especificidades da infância, promovendo uma educação inclusiva e significativa.

Considerando a importância do desenvolvimento integral das crianças na primeira infância e o papel da EF nesse processo, é essencial abrir um debate para entendermos como as experiências pessoais e formativas dos professores influenciam as suas práticas pedagógicas. As narrativas autobiográficas oferecem uma abordagem privilegiada para esse entendimento, permitindo que os educadores/as reflitam sobre as suas próprias histórias de vida, identifiquem os fatores que moldaram a sua formação e aprimorem a sua prática docente com base nessas reflexões.

A partir da minha trajetória como professora de EF busco compreender como a EF se insere nesse segmento, que historicamente não possui divisão disciplinar rígida. A presença do especialista na EI desafia os modelos tradicionais de ensino, exigindo uma abordagem integrada e contextualizada. A partir da própria narrativa autobiográfica posso refletir sobre os desafios e as potencialidades do ensino de EF na EI. Ao compartilhar minha trajetória, posso provocar reflexões em outros professores, levando-os a revisitar suas próprias experiências e a reconsiderar suas práticas pedagógicas.

A EF na EI desempenha um papel fundamental no desenvolvimento integral das crianças, promovendo não apenas habilidades motoras, mas também cognitivas, afetivas e sociais. De acordo com a LDB (Brasil, 1996), a EF é componente curricular obrigatório na Educação Básica, incluindo a EI. A BNCC (Brasil, 2018) reforça essa

obrigatoriedade, estruturando a EI em cinco "Campos de Experiências", nos quais a EF se insere, especialmente no campo "Corpo, Gestos e Movimentos". Nesse contexto, as atividades de EF são essenciais para o desenvolvimento motor e a coordenação das crianças, estimulando-as a explorar e movimentar seus corpos de maneira lúdica e significativa.

A leitura motora, conforme discutida por João Batista Freire, e os princípios da abordagem Crítico-Superadora, propostos pelo Coletivo de Autores, defendo que a EF na EI deve ir além da mera aplicação de exercícios motores, promovendo experiências significativas e contextualizadas que estimulem o pensamento crítico e a criatividade das crianças. A abordagem crítico-superadora, proposta pelo Coletivo de Autores (1992), enfatiza a compreensão do conhecimento como algo provisório e historicamente produzido, organizado de forma a ser compreendido como tal. Essa perspectiva valoriza a totalidade, o movimento, a mudança qualitativa e a contradição, promovendo uma visão dialética do processo educativo. Freire (1997), destaca a importância do lúdico e do simbolismo na EF, enfatizando o desenvolvimento cognitivo e considerando a cultura infantil, repleta de jogos e brincadeiras, como essencial para a prática pedagógica.

Ao refletir sobre minha trajetória como professora de EF na EI, percebo a importância de integrar essas abordagens teóricas à prática cotidiana. Embora a EI não apresente uma divisão disciplinar, é possível inserir o especialista em EF por meio de atividades integradas que dialoguem com os diversos campos de experiências propostos pela BNCC. Isso requer uma compreensão aprofundada das necessidades e características das crianças nessa faixa etária, bem como uma abordagem pedagógica que valorize o movimento como linguagem expressiva e forma de conhecimento.

A integração curricular, a reflexão contínua sobre a prática e a valorização do brincar e do movimento são elementos essenciais para uma atuação eficaz do professor de EF na EI. Essas discussões enriquecem o entendimento sobre a presença e a importância da EF na EI, oferecendo subsídios para a construção de práticas pedagógicas mais conscientes e alinhadas às necessidades das crianças.

As narrativas autobiográficas como ferramenta de análise na EF na EI permite compreender a complexidade do percurso formativo dos professores, os desafios

inerentes à prática pedagógica e a necessidade de um ensino fundamentado nas reais necessidades das crianças. Os estudos de Bracht (2016), Bonfietti *et al.* (2019) e Zanotto, Alves e Januário (2022) demonstram que a valorização da EF na EI depende tanto da formação docente quanto do reconhecimento da área como essencial para o desenvolvimento infantil.

A formação docente na EF é um processo que vai além da aquisição de conhecimentos teóricos e técnicos. A experiência vivida pelos professores ao longo de sua trajetória acadêmica e profissional desempenha um papel determinante na construção de suas práticas pedagógicas. Segundo Bracht (2016), os saberes docentes são construídos na interseção entre a formação inicial e a prática cotidiana, sendo constantemente ressignificados à luz das experiências vividas.

No contexto da EI, essa trajetória é marcada pela necessidade de adaptação às especificidades do desenvolvimento infantil e à organização dos espaços educativos. As narrativas autobiográficas possibilitam que os professores reflitam sobre suas experiências formativas, identificando momentos-chave que moldaram suas concepções sobre o ensino da EF. Esse exercício reflexivo contribui para a construção de uma prática pedagógica mais consciente e alinhada às necessidades da EI.

Bonfietti *et al.* (2019) discutem o papel e a identidade do professor de EF na EI, enfatizando desafios como a falta de reconhecimento da área e a ausência de formação específica na graduação, para atuar com a EI durante a graduação, o que pode gerar insegurança e dificuldades na implementação de práticas adequadas. Além disso, a presença de pedagogos responsáveis pelo ensino na EI muitas vezes resulta na subvalorização da EF nesse contexto, relegando-a a uma função secundária. Estabelecendo uma conexão com a narrativa autobiográfica ao demonstrar como a trajetória profissional influencia a construção da identidade docente, reforçando a necessidade de uma formação continuada para garantir uma prática pedagógica significativa e alinhada às especificidades da EI.

As narrativas autobiográficas permitem que os professores expressem suas vivências e desafios, trazendo à tona as dificuldades enfrentadas na busca por reconhecimento e espaço dentro da EI. Ao documentar essas experiências, é possível não apenas dar visibilidade à importância da EF para o desenvolvimento infantil, mas

também fomentar discussões sobre a necessidade de formação específica e políticas que garantam a presença de profissionais qualificados na área.

Zanotto, Alves e Januário (2022) ressaltam a importância do conhecimento do sujeito e do conhecimento do conteúdo para a atuação do professor de EF na pré-escola. O conhecimento do sujeito envolve compreender as características e necessidades das crianças, enquanto o conhecimento do conteúdo diz respeito à apropriação dos saberes da cultura corporal. Isso significa que os professores precisam compreender as especificidades do desenvolvimento infantil e, ao mesmo tempo, dominar os saberes da cultura corporal para adaptá-los de maneira significativa ao contexto da EI.

A formação continuada surge, portanto, como um caminho essencial para suprir as lacunas deixadas pela formação inicial e aprimorar a prática pedagógica. Além disso, a pesquisa na área da EF na EI tem um papel fundamental na construção de novos referenciais teóricos e metodológicos que orientem os professores em sua atuação. As narrativas autobiográficas contribuem para esse processo ao possibilitar a sistematização de experiências individuais, que, quando compartilhadas e analisadas coletivamente, enriquecem o conhecimento sobre o ensino da EF na EI.

Benjamin (1996 *apud* Ferreira, Prado e Aragão, 2015, p. 213) afirma que as nossas experiências se configuram como memórias que nos ajudam a compreender o presente. É importante ressaltar que a memória não se limita ao conhecimento do passado. Trata-se, acima de tudo, de colocar os acontecimentos atuais em uma perspectiva crítica de confronto.

A abordagem autobiográfica tem se mostrado uma ferramenta essencial para compreender a trajetória de formação docente e suas implicações na prática pedagógica. No contexto da EF na EI, essa perspectiva possibilita uma reflexão sobre os processos formativos, os desafios enfrentados e as estratégias que os professores constroem ao longo de sua atuação profissional.

Bracht (2016) destaca que os saberes docentes dos professores de EF na EI são construídos na interseção entre a experiência prática e a formação acadêmica. Esse aspecto dialoga diretamente com a abordagem autobiográfica, pois evidencia como as trajetórias individuais dos professores moldam suas concepções e práticas pedagógicas. No contexto da EI, esses saberes vão além do domínio técnico e

incluem a sensibilidade para compreender o desenvolvimento infantil e as necessidades das crianças.

Em suma, a EF na EI deve ser compreendida como parte do processo de formação das crianças, integrando abordagens teóricas que valorizam tanto o movimento e o lúdico quanto a reflexão crítica e emancipatória. A inserção do especialista em EF nesse segmento, mesmo sem uma divisão disciplinada EF, é fundamental para garantir uma prática pedagógica de qualidade que atenda às necessidades e potencialidades das crianças.

Dentro do escopo do trabalho na EI, compreendemos a necessidade de viabilizar a autonomia à criança na condição própria de autonomia. Isso significa que a prática pedagógica deve proporcionar à criança a oportunidade de desenvolver sua independência, tomando decisões e gerenciando suas próprias ações dentro do processo de aprendizagem. No contexto da EF na EI, isso implica em criar situações em que as crianças possam explorar seus próprios limites, entender seu corpo, interagir com os outros e fazer escolhas relacionadas à sua movimentação e ao seu desenvolvimento motor de forma livre e consciente.

No entanto, a autonomia não significa apenas agir sem supervisão, mas sim desenvolver habilidades e competências que permitam à criança ser mais responsável por sua aprendizagem e, ao mesmo tempo, sentir-se segura para explorar novas possibilidades. A ideia é transformar o espaço de aprendizagem, muitas vezes limitado a um "meio quadrado de área", em um local dinâmico onde as crianças se sintam livres para experimentar e aprender por meio da ação, interação e reflexão.

Quando se fala sobre a necessidade de "criar condições de aprendizagem", isso está relacionado à criação de um espaço em que as crianças possam explorar e construir seus conhecimentos de forma ativa. Na EF, isso significa não apenas garantir que as crianças tenham acesso a jogos e atividades, mas também permitir que elas sejam protagonistas do seu próprio aprendizado, decidindo como querem interagir com os materiais e com os colegas. Por exemplo, ao invés de ser uma atividade rígida com regras pré-estabelecidas, a atividade pode ser aberta para que as crianças decidam como vão organizar suas ações e movimentos, sempre dentro de um espaço que proporcione segurança, mas que ao mesmo tempo desafie sua criatividade e autonomia.

Na prática concreta da EF na EI, isso pode se traduzir em: Proporcionar liberdade e escolha, desafiar sem limitar, reflexão sobre o movimento, interação social e colaboração. Dessa forma, "sair do lugar do meio quadrado de área", sugere a ideia de que o espaço e as condições de aprendizagem devem ser ampliados para além dos limites físicos e simbólicos que restringem a criatividade e a liberdade de movimento das crianças. Ao fazer isso, as crianças podem aprender de maneira mais significativa e empoderada, desenvolvendo sua autonomia de forma concreta na EF.

Sua presença requer reconhecimento curricular, formação docente adequada e práticas pedagógicas críticas e reflexivas, que respeitem as especificidades da infância. Assim, ao ser consolidada como um direito das crianças e um componente da formação integral, a EF na EI reafirma seu papel de proporcionar experiências que ampliam as possibilidades expressivas, criativas e sociais das crianças, conectando-as ao mundo de maneira plena e significativa.

É preciso pensar em criar condições de aprendizagem para que a criança avance e assim nós consigamos sair da nossa "zona de conforto". A literatura reforça a importância de uma formação continuada dos professores de EF, formando-os para atuar de forma sensível e crítica, considerando as realidades sociais e culturais em que as crianças estão inseridas. Dessa forma, a postura do professor de EF na EI deve ser pautada por uma abordagem pedagógica que reconheça o movimento como um direito da criança e um meio essencial para a sua aprendizagem e desenvolvimento integral.

3.2 EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES SOBRE O MEMORIAL E A TRAJETÓRIA DOCENTE

A EF na EI possui um papel essencial no desenvolvimento integral das crianças, promovendo o desenvolvimento nas dimensões motora, cognitiva, afetiva e social. A presente seção explora a relação entre a narrativa autobiográfica e a formação docente em EF, destacando como essa abordagem pode transformar a prática pedagógica e contribuir para a construção de uma identidade profissional crítica e reflexiva.

O tema apresentado é profundamente significativo, pois conecta o método autobiográfico à formação de professores de EF na EI, explorando como essa abordagem pode promover reflexões críticas e ressignificações na prática pedagógica. A narrativa autobiográfica não é apenas um instrumento para rememorar o passado, mas uma poderosa ferramenta de análise e de transformação pessoal e profissional.

Ao revisitar a minha trajetória de vida e formação docente, questiono como essa narrativa autobiográfica pode despertar em outros leitores e colegas reflexões que estavam adormecidas, provocando um movimento de reavaliação. A escrita de memórias e o método autobiográfico, como Nóvoa (1992) destaca, permitem ao professor reapropriar-se de sua história, dando novo significado às experiências vividas e promovendo um ciclo contínuo de aprendizado e de autotransformação.

Narrativas autobiográficas, como a minha, têm o potencial de despertar em colegas reflexões sobre aspectos esquecidos ou negligenciados em suas práticas. Ao compartilhar experiências pessoais, promovemos um espaço de diálogo e autoavaliação, incentivando outros profissionais a reconsiderarem suas abordagens e a buscarem uma prática pedagógica mais consciente e alinhada às necessidades das crianças na EI.

Para Josso (2004), narrar é mais do que um ato de memória, é um processo criativo que estimula a construção de identidades profissionais mais conscientes e críticas. Esse aspecto é particularmente relevante para a EI, etapa em que a EF assume um papel crucial no desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e social das crianças.

A relevância da EF na EI transcende o desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e social das crianças ao atuar como uma ferramenta para a expressão corporal e para a construção de uma base cultural crítica. Nesta seção, discutimos como as experiências de formação, registradas por meio de narrativas autobiográficas, podem revelar aspectos essenciais para a prática docente e para a construção de uma identidade profissional na área. No contexto da EI, a EF é uma área singular por promover o desenvolvimento integral das crianças. O movimento, entendido como linguagem e forma de expressão, é uma ferramenta poderosa para a aprendizagem e a socialização.

No entanto, como aponta a presente pesquisa, há uma lacuna significativa na literatura sobre as narrativas autobiográficas no campo da EF, especialmente no segmento da EI. Essa ausência ressalta a necessidade de mais estudos que conectem teoria e prática, abordando como as experiências de vida e a formação dos professores podem influenciar as suas abordagens pedagógicas.

A metodologia autobiográfica possibilita revisitar memórias e práticas passadas, fomentando a reflexão crítica sobre a trajetória docente. Para Josso (2004, p. 40), “as recordações-referências” são elementos que constituem a prática docente e permitem identificar transformações ao longo da formação. Goodson (1992) reforça que as histórias de vida promovem uma análise crítica das práticas educativas, contextualizando experiências e enriquecendo a prática pedagógica.

Benjamin (1994) observa que a arte de narrar ativa sensações e emoções, fortalecendo o pensamento reflexivo. Nesse sentido, narrar a própria trajetória não apenas promove o autoconhecimento, mas também permite que outros educadores/as reflitam sobre os seus percursos e práticas, como defendem Ferreira, Prado e Aragão (2015).

A revisão bibliográfica indica que a pesquisa sobre narrativas autobiográficas na EF ainda é escassa, sobretudo no segmento da EI. No entanto, estudos como os de Cardoso e Nakashima (2010), Dias (2020) e Ferroni, Sommerhalder e Alves (2021) demonstram como o intercâmbio de narrativas fomenta práticas pedagógicas colaborativas e críticas.

Segundo Ferrari (2008), Lawrence Stenhouse um importante educador britânico, defendia a ideia de que o professor deve ser um investigador de sua própria prática, adotando uma postura reflexiva e investigativa sobre o ensino e os currículos. Stenhouse, acreditava que os professores deveriam não apenas aplicar currículos prontos, mas também desenvolver, analisar e ajustar os currículos de acordo com as necessidades e contextos específicos de suas turmas, refletindo continuamente sobre sua prática pedagógica. Essa abordagem está ligada à ideia de que a prática docente é um processo dinâmico e que a pesquisa deve estar no centro do desenvolvimento educacional. Essa perspectiva dialoga com Zeichner (1995 *apud* Geraldi e Fiorentini, 1998) que enfatiza a importância da autonomia docente para promover mudanças significativas na escola.

A EF na EI assume um papel central no desenvolvimento integral das crianças, conectando movimento, cultura e expressão. Luiz *et al.* (2016) destacam que a prática colaborativa baseada em narrativas e em reflexões enriquece o planejamento pedagógico, tornando-o mais inclusivo e contextualizado.

Bragança (2016) aponta que a escrita de memoriais possibilita a compreensão das influências pedagógicas, enquanto Libâneo (2006) destaca que as narrativas permitem aos professores contextualizar as suas experiências, relacionando-as a teorias educacionais. Libâneo (2006) enfatiza que a narrativa autobiográfica permite ao professor contextualizar as suas experiências e conectá-las com teorias educacionais, enriquecendo a prática pedagógica. A perspectiva é reforçada por Abrahão (2012), que descreve a pesquisa autobiográfica como um meio de integrar memórias pessoais e profissionais, criando uma compreensão mais holística das trajetórias docentes. Esse processo fortalece a prática pedagógica e promove a inovação.

Narrar a própria história implica revisitar memórias marcantes, reconhecendo as suas influências na formação docente. Josso (2004) observa que essas rememorações revelam micro-histórias inseridas em contextos amplos, promovendo uma compreensão mais profunda das escolhas pedagógicas. Para Ferreira, Prado e Aragão (2015, p. 213), o registro narrativo amplia a percepção docente, estimulando o diálogo com outros professores e a construção coletiva do conhecimento.

O memorial, ao conectar passado, presente e futuro, torna-se uma ferramenta essencial para a formação docente, promovendo autoconhecimento, partilha e melhoria contínua das práticas pedagógicas. Essa abordagem enriquece o ensino de EF na EI, alinhando-o às necessidades e potencialidades das crianças. Ao revisitar as suas histórias, os professores não apenas resgatam memórias significativas, mas também as utilizam como base para construir práticas pedagógicas mais intencionais e contextualizadas.

A compreensão da história e da minha própria narrativa pode propiciar uma reflexão aprofundada sobre as escolhas e as atitudes cotidianas, as quais não se dão de forma aleatória ou intuitiva. Pelo contrário, essas decisões ocorrem porque estão profundamente enraizadas.

Ferreira, Prado e Aragão (2015) apontam que o registro narrativo fortalece a autoria do professor e promove o diálogo com outros educadores/as. Esse movimento

de partilha e de reflexão é essencial para a melhoria da qualidade do ensino, especialmente na EI, etapa em que a interação com crianças requer um olhar atento e sensível às especificidades de cada fase do desenvolvimento.

Autores como Benjamin (1994) e Goodson (1992) oferecem contribuições valiosos sobre a arte de narrar e a sua relevância para a formação docente. Benjamin (1994) sugere que a narrativa aciona memórias e emoções, possibilitando reflexões profundas sobre a prática profissional. Por sua vez, Goodson (1992) argumenta que as histórias de vida são ferramentas indispensáveis para a análise crítica das práticas educacionais, promovendo uma educação mais reflexiva e inovadora.

O método autobiográfico na formação de professores de EF na EI não apenas enriquece a prática pedagógica, mas também contribui para uma compreensão mais ampla e crítica da educação. Essa abordagem valoriza as singularidades das trajetórias docentes, promovendo um ensino mais humanizado e alinhado às necessidades das crianças.

Ao conectar a narrativa autobiográfica com a prática pedagógica, esta pesquisa busca não apenas compreender e evidenciar lacunas no campo educacional, mas também apresentar uma abordagem inovadora para a formação docente. O memorial emerge, assim, como um poderoso instrumento de autoconhecimento e transformação, essencial para a construção de uma prática pedagógica mais consciente, efetiva, crítica e reflexiva.

Ao escrever essa narrativa, o(a) docente estabelece uma linha do tempo de sua constituição profissional, evidenciando desafios e caminhos percorridos. O memorial se configura como um instrumento reflexivo e formativo, pois permite revisitar experiências, identificar aprendizagens, desafios e ressignificar a prática pedagógica. Ademais, ele representa um convite para que outros professores também compartilhem suas histórias, pois ao buscar responder “*como me constituí professora de EF na EI?*”, percebe-se que essa resposta se constrói a partir de três dimensões principais.

A primeira dimensão refere-se às experiências da infância e escolarização. Minhas vivências em Goiânia e Aparecida de Goiânia, as condições de estudo e os desafios enfrentados influenciaram minha visão sobre a educação. Paralelamente,

minha trajetória escolar moldou minha compreensão sobre o ensino da EF, consolidando valores e princípios pedagógicos.

A segunda dimensão diz respeito à minha formação inicial e continuada. Durante a elaboração da narrativa autobiográfica, identifiquei momentos-chave no meu percurso formativo que influenciaram minha escolha pela EF na EI. Autores, professores, colegas e experiências acadêmicas foram determinantes nesse processo, contribuindo para a consolidação da minha identidade docente.

Por fim, a terceira dimensão está relacionada à minha prática docente e às reflexões dela decorrentes. As experiências em sala de aula e no campo da pesquisa foram fundamentais para que eu encontrasse minha identidade profissional. Compreendo, hoje, que os dilemas e desafios mais significativos foram aqueles que proporcionaram maiores conquistas e aprendizagens, consolidando minha atuação pedagógica.

Mesmo diante da falta de tempo e do escasso apoio institucional, escrever a própria história é um ato político e formativo. Essa prática pode representar um ponto de partida para transformações individuais e coletivas na EF na EI. Valorizar histórias individuais é fundamental, pois cada trajetória revisitada possui um significado único e, ao mesmo tempo, compartilhado. Professores podem se reconhecer em dificuldades e superações semelhantes, estabelecendo uma conexão entre suas experiências.

A escrita autobiográfica favorece a construção de sentidos. Ao narrar sua trajetória, o docente passa a compreender melhor sua própria formação, tornando-se mais consciente de sua prática e do impacto que exerce sobre seus alunos. Essa abordagem também confere voz à formação docente, proporcionando um espaço de resistência e reconhecimento para professores(as) frequentemente silenciados pelas condições precárias de trabalho.

Silva *et al.* (2016, p. 35) destacam:

O que os estudos biográficos procuram chamar a atenção é que todos nós somos herdeiros daquilo que vivenciamos no passado. Entretanto, é possível tirar proveito pedagógico do passado, ao refletir sobre as experiências pregressas: “por quê me tornei professor”; “o que considero um bom professor”, “por quê ensino do jeito que ensino” e assim por diante. É nesse sentido que as narrativas biográficas podem ser percebidas como “biografias educativas” (JOSSO, 2002), pois permitem refletir sobre o passado para propor novas ações tanto no tempo presente, quanto no tempo futuro.

Respondendo ao questionamento dos autores, acredito que me tornei professora porque senti que eu poderia auxiliar e possibilitar aos alunos a capacidade de análise do que é possível, certo ou errado, do aprender, do ser autônomo e de ter liberdade ao expressarem as suas ideias, a sua cultura. Se hoje me considero uma boa professora? Eu ainda não sei, mas tenho me empenhado para respeitar essa pluralidade de ideias, conduzindo a construção de um pensamento crítico em meus alunos, para que compreendam que a justiça social são os princípios de regem a sociedade. Minha docência vislumbra uma escola que prese pelos interesses comuns das pessoas: a liberdade e a diversidade de opiniões.

Diante desse processo, surge uma reflexão essencial: *“Como um leitor pode se reconhecer na minha narrativa e reconstruir sua própria história?”*. A identificação ocorre porque, apesar da singularidade de minha experiência, ela carrega elementos universais da docência.

Professores(as) que leem essa narrativa podem se reconhecer em diferentes aspectos, tais como: nas dificuldades enfrentadas no cotidiano de trabalho, como a falta de apoio, o cansaço e a invisibilização da EF na EI, que são dilemas comuns e geram empatia; na resiliência e na transformação, pois ao ver como lidei com desafios e ressignifiquei minha trajetória, outros professores podem se inspirar a refletir sobre suas próprias experiências; na prática pedagógica, uma vez que ao compartilhar como minhas vivências influenciaram minha forma de ensinar, convido o leitor a revisar suas estratégias e perspectivas sobre o ensino da EF na EI.

Referências a estudos sobre Narrativas Autobiográficas na formação docente autores como Josso (2004) e Nóvoa (2019) destacam como a reflexividade na escrita contribui para a construção da identidade docente. E manter o constante diálogo com a BNCC, relacionando a abordagem da Narrativa com as diretrizes da BNCC reforçam a relevância da proposta. A BNCC reconhece a importância do professor reflexivo e da contextualização das práticas pedagógicas, aspectos diretamente ligados ao uso do memorial como ferramenta formativa.

O impacto na prática docente e na aprendizagem infantil, um professor mais consciente de sua trajetória e desafios tende a desenvolver práticas pedagógicas mais sensíveis às necessidades infantis. Destacando como a reflexividade promovida pelo

memorial pode impactar diretamente a qualidade do ensino e o desenvolvimento das crianças.

A Narrativa Autobiográfica como estratégia de resistência no contexto das dificuldades enfrentadas pelos professores de EF na EI, a escrita autobiográfica pode ser compreendida como uma forma de resistência à desvalorização da área. Esse ponto reforçaria a ideia de que relatar experiências não é apenas um ato individual, mas também um movimento coletivo que objetiva a valorização da profissão.

Quando revisito minha trajetória e trago exemplos práticos e em trechos da própria narrativa acontece a inclusão de pequenos trechos da minha experiência pessoal ao longo do texto, de forma articulada com as reflexões teóricas, se tornam argumentações mais envolvente que evidenciam, na prática, o impacto dessa abordagem na minha formação.

Dessa forma, a reflexão sobre as experiências individuais e coletivas se torna um instrumento poderoso para fortalecer a identidade profissional dos docentes e consolidar práticas pedagógicas que assegurem uma EF significativa e integrada ao universo da EI. O investimento em formação continuada e pesquisa é, portanto, um caminho fundamental para garantir que a EF cumpra seu papel de conectar as crianças ao mundo, promovendo seu desenvolvimento integral.

Revisitando as experiências, reconheço o impacto transformador da EF na EI, tanto no desenvolvimento das crianças quanto na minha própria formação docente. Esse percurso reafirma que a EF é um componente essencial para promover aprendizagens significativas, contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva e participativa.

O memorial, portanto, transcende a mera narração de uma história pessoal. Ele se torna um espelho para outros professores, inspirando novas práticas e reflexões sobre a docência, contribuindo para uma EF na EI mais reflexiva, crítica e transformadora.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS E O RECURSO EDUCACIONAL

Retorno aqui ao ponto de partida, onde a escrita autobiográfica se revelou como um caminho central para compreender e ressignificar a minha trajetória profissional na EF, particularmente na EI. Este trabalho não é apenas um relato de eventos, mas um mergulho profundo na análise crítica de minha formação, prática docente e nos princípios teóricos que me guiaram ao longo do caminho.

A partir da revisitação de minha caminhada profissional, revisei não só a prática, mas também a construção de minha identidade como professora e pesquisadora. De acordo com Freire (1996), o professor é, acima de tudo, um pesquisador de sua prática e esse papel se concretiza à medida que ele reflete criticamente sobre a sua atuação.

A escrita desta narrativa autobiográfica proporcionou uma oportunidade única para refletir acerca da minha vida e da minha profissão. Reviver episódios marcantes da minha formação e carreira, por meio de memórias, fotos, vídeos e registros pessoais, permitiu analisar com profundidade as nuances das dificuldades, dos aprendizados e das conquistas vividas. Esses momentos tornaram-se, por si só, um campo de investigação e de aprendizado contínuo, um laboratório em que a prática foi examinada sob a luz de teorias pedagógicas que moldam e justificam o papel da EF na EI.

A EF na EI é um campo que historicamente enfrenta desafios em termos de inserção, reconhecimento e prática efetiva. Autores como Darido e Rangel (2005) destacam que, apesar das dificuldades, a EF possui um papel fundamental no desenvolvimento integral da criança, especialmente no que se refere à ludicidade, à socialização e ao conhecimento do corpo como parte de um processo cultural. Essa perspectiva é reforçada pela minha própria experiência, na qual percebi que a EF vai além do desenvolvimento motor, funcionando como um meio de conexão entre as crianças e o mundo e também como uma ferramenta para a formação de cidadãos críticos e ativos.

Ao investigar o papel das narrativas na formação docente, ficou evidente que o resgate e a análise das próprias experiências possibilitam uma compreensão mais

aprofundada das repercussões das vivências na trajetória profissional. A escrita autobiográfica, nesse sentido, revelou-se uma ferramenta potente não apenas para a autoanálise, mas também para a formação continuada de professores e de professoras de EF na EI.

Dessa maneira, esta dissertação reafirma a relevância das narrativas autobiográficas como um instrumento fundamental para compreender, ressignificar e fortalecer a prática pedagógica, promovendo uma atuação mais consciente, intencional e alinhada com os desafios e potencialidades da EF na EI. Ao compartilhar minha trajetória e reflexões, almejo contribuir para a valorização desse campo e para a construção de uma educação mais crítica e significativa para as crianças.

Reconhece-se, assim, que as narrativas oferecem múltiplas possibilidades para a formação docente, desde que haja a devida garantia de um espaço-tempo qualificado para a reflexão, a autoavaliação e a reestruturação crítica da prática pedagógica. Que esse momento de formação não se restrinja às conversas informais nos intervalos ou às madrugadas exaustivas após uma tripla jornada de trabalho, mas que seja assegurado de forma institucionalizada, permitindo a interação entre pares e a efetivação de processos formativos contínuos por meio das narrativas autobiográficas.

Como conclusão do processo de construção do presente texto, reafirmo a necessidade de fortalecer a EF na EI, reconhecendo-a como um campo indispensável para o desenvolvimento pleno das crianças. Apesar dos obstáculos enfrentados, acredito que a reflexão crítica, a partilha de experiências e a ressignificação constante da prática docente são caminhos para consolidar essa área e ampliar a sua relevância.

Ao relatar a minha trajetória, espero inspirar outros professores a também revisitarem as suas histórias, conectando as suas práticas com teorias e experiências que contribuam para a construção de uma educação mais significativa e transformadora. Por isso, esta dissertação não é um ponto final, mas um convite ao diálogo, à reflexão e à continuidade da jornada. Que ela possa servir como um guia, um estímulo e um exemplo para outros educadores e educadoras que, assim como eu, buscam se constituir continuamente como profissionais reflexivos e comprometidos com a transformação social por meio da EF na EI.

A trajetória do professor/pesquisador, como destacada neste estudo, reflete muitas outras trajetórias e possibilita a construção de uma segurança teórica e prática que pode inspirar e fortalecer outros docentes. Ao rememorar e analisar experiências, o compartilhamento de saberes torna-se um ato potente de colaboração e crescimento coletivo.

A partir dessa abordagem, este estudo culminou na criação de uma página interativa na *internet*. Configurado em recurso educacional de cunho formativo, o *site* atuou como espaço de compartilhamento de narrativas e de experiências formativas de professores de EF na EI. Foi proposto com a intenção de fomentar a reflexão crítica e o aprimoramento das práticas pedagógicas de outros educadores/as. Ao oferecer um espaço no qual os professores pudessem compartilhar as suas histórias anonimamente, buscamos contribuir para uma rede de apoio e de troca de saberes, reforçando o papel da EF como elemento essencial na formação da criança na EI.

Partindo de uma indicação durante o exame de qualificação, desenvolvi a página *online*, intitulada: “*Narrativas que Transformam: reflexões e práticas de professores/as de Educação Física na Educação Infantil*”. Esse título reflete a síntese de um espaço que visa reunir, organizar e compartilhar diferentes histórias de vida e formação de professores e professoras de EF, criando um ambiente reflexivo para o desenvolvimento contínuo da EF na EI.

Essa proposta reforça a importância das narrativas autobiográficas como meio de análise e de autoformação docente. Ao relatar a minha própria história, exemplifico como a reflexão crítica e o revisitar de experiências podem impactar positivamente não apenas a prática pedagógica, mas também a construção da identidade profissional. Nesse sentido, o *site* passou a ser um canal que visibiliza as narrativas como ferramentas formativas, possibilitando aos educadores/as compartilharem as suas vivências e refletirem sobre as suas práticas de forma identificada ou anônima.

Seus objetivos e funcionalidades foram o de compartilhar as distintas trajetórias docentes. Pretendíamos que os professores de EF na EI de Ituiutaba/MG compartilhassem as suas histórias de formação e experiências profissionais. Essas narrativas reuniram um acervo de vivências, enriquecendo a compreensão coletiva sobre os desafios e as potencialidades da EI. Ademais, propomos uma reflexão crítica e de autoformação a partir do registro de episódios marcantes da trajetória docente. Assim,

os profissionais poderiam analisar as nuances de sua prática, promover autoavaliação e encontrar novos sentidos para as suas experiências.

As contribuições foram feitas de forma identificada ou anônima, incentivando maior abertura e honestidade nas narrativas, sem medo de julgamentos. Entendemos que a minha experiência narrada pode trazer aportes significativos para os processos de formação docente por meio das histórias compartilhadas. Outros professores podem se ver representados em minha história e, a partir da interação *online*, pretendo contribuir para o processo de formação inicial e continuada de professores de EF na EI, fortalecendo a presença da área nessa etapa educacional.

As *Narrativas que transformam*¹² integram um *Padlet* que funciona como um espaço interativo para debates e reflexões. Nesse ambiente, os participantes podem responder a questões norteadoras baseadas em temas centrais da pesquisa, estimulando o diálogo e a troca de experiências.

No *Padlet*, trazemos, para instigar a interação dos professores/as, os seguintes *cards*:

- 1) *A Educação Física como meio de conexão com o mundo da educação infantil*, proposto a partir da pergunta norteadora: ao explorar as experiências formativas que marcaram o seu processo de desenvolvimento profissional como professor de Educação Física, quais desafios, aprendizagens e influências você consegue narrar? Neste *card*, buscamos estimular a reflexão sobre como as vivências pessoais e profissionais moldaram a prática pedagógica e como isso impacta a relação com as crianças;
- 2) *A Educação Física e sua presença na Educação Infantil*, com a pergunta norteadora: como você percebe a influência da formação acadêmica inicial e da formação continuada na atuação de professores de Educação Física na Educação Infantil? Aqui buscamos conduzir os professores a analisarem

¹² Site *Narrativas que transformam*. Disponível em: <https://sites.google.com/view/narrativas-que-transformam/in%C3%ADcio>
Acesso em: 24 jan. 2025.

criticamente a formação docente e o seu impacto na qualidade das práticas pedagógicas;

- 3) *Aspectos essenciais na trajetória docente*, com a seguinte pergunta norteadora: quais devem ser os aspectos considerados na trajetória de formação e na atuação do professor de Educação Física na Educação Infantil? O objetivo é identificar elementos essenciais para o desenvolvimento profissional e pessoal na área;
- 4) No último *card*, *Diálogo com o autor, reflexão crítica da prática*, apresentamos a seguinte citação:

Afinal, não é somente por ter produzido as narrativas sobre a minha prática docente, partilhá-las e voltar a tudo isso que essa pesquisa ocorre, mas também, e principalmente, ao escrever esse registro, ao olhar novamente para as informações e ver o que agora – desse outro lugar em que estou – posso perceber e antes não percebia, ao construir novos sentidos, outras compreensões para o vivido, e ao teorizá-lo (Prado; Soligo; Simas, 2010, p. 110).

A partir da citação, questionamos: como você percebe esse movimento de análise da sua prática docente? De parar para refletir, se autoavaliar e teorizar sobre a sua vivência? Esse *card* objetivou incentivar uma análise mais profunda da prática docente, destacando a importância do processo de parar, refletir e dar novos significados às experiências.

Todas as interações também estiveram disponíveis no *Padlet*. O participante poderia contribuir em qual *card* se sentisse mais confortável.

Vale destacar que, no decorrer das participações, o recurso passou por reformulações baseadas nas sugestões dos próprios professores participantes. Esses profissionais indicaram aspectos que gostariam de ver incorporados ao *site*, como explicações sobre o ProEF e materiais produzidos durante as disciplinas do programa, vídeos do *YouTube* com sugestões de aulas e informações sobre o primeiro produto educacional elaborado. Além disso, foram indicados *links* para outros recursos que ampliassem a interação e o acesso a conteúdo informativos sobre narrativas.

Outra sugestão que pode ser implementada futuramente no *site* é a minha pesquisa, além de materiais complementares, como livros, artigos e outras referências acadêmicas visitadas. Dessa forma, o espaço poderá se tornar mais dinâmico, interativo e alinhado às demandas dos participantes, promovendo uma experiência formativa enriquecedora.

Ao reunir narrativas e reflexões em um espaço colaborativo, compreendemos que o *site* contribui expressivamente para a formação e o desenvolvimento profissional de professores de EF na EI, com foco no município de Ituiutaba/MG. A socialização dessas experiências pode ajudar, a longo prazo, a repensar práticas pedagógicas mais reflexivas, críticas e alinhadas às necessidades específicas dessa etapa educacional.

Do ponto de vista do produto decorrente deste estudo, reconheço a relevância de espaços colaborativos e interativos que viabilizem a exposição das narrativas e das memórias das experiências entre professores de EF que atuam na EI. Apesar do quantitativo significativo de acessos até 12 de janeiro de 2025, o número reduzido de compartilhamentos e de interações diretas evidencia os desafios que ainda persistem, como o tempo escasso, a timidez ou a falta de hábito em narrar vivências e concepções pedagógicas.

Ainda assim, os comentários recebidos apontam a importância e o potencial desse espaço. As sugestões para realizar melhorias no *site*, as curiosidades levantadas e o reconhecimento de sua utilidade indicam que ele pode se tornar um meio efetivo de comunicação e de suporte. É fundamental que o *site* seja constantemente aprimorado para atender às necessidades dos professores/as servindo não apenas como um repositório de experiências, mas também como um espaço seguro para expressar dúvidas, angústias, desafios e alegrias.

Por fim, sobre o recurso educacional, ele não apenas buscou valorizar as experiências individuais dos professores/as, mas também dialogar com os estudos de autores como Nóvoa (1992), que enfatiza a importância das narrativas de vida na formação docente. Por meio desse compartilhamento, é possível criar uma comunidade de aprendizagem contínua, em que os desafios e as conquistas individuais se transformam em conhecimentos coletivos, capazes de impactar diretamente a prática pedagógica e fortalecer a presença da EF na EI.

Narrativas que transformam não são apenas uma ferramenta de comunicação, mas um catalisador para a construção de uma comunidade de prática que valoriza as especificidades da EF na EI. Por meio deste Recurso Educacional, busca-se superar as limitações impostas pelos meios tradicionais, tornando-o um espaço dinâmico de diálogo e troca de experiências narradas.

Esse recurso não se encerra em si mesmo, mas será continuamente ampliado, consolidando-se como um instrumento político e social para dar voz aos professores, permitindo-lhes compartilhar tanto suas experiências exitosas quanto suas inquietações. Dessa forma, pretende-se promover a formação docente baseada no intercâmbio de vivências e no diálogo, garantindo que esse espaço permaneça disponível. O objetivo é ampliar sua abrangência e incentivar os/as professores/as a se apropriarem desse canal como uma extensão de sua jornada formativa, conectando e partilhando histórias, ideias e reflexões para o avanço da área.

Para tornar o *site* mais interativo e promover um verdadeiro diálogo entre a autora e os visitantes, a pesquisadora se compromete em assumir uma postura de narradora que convida os docentes a também narrarem suas experiências formativas, conforme as seguintes sugestões:

1) *Espaço "Conte sua História"*: uma seção onde os visitantes possam compartilhar suas próprias narrativas relacionadas à EF na EI, a partir de provocações, perguntas ou desafios para instigar a escrita, estabelecendo um fluxo contínuo de histórias e reflexões entre pesquisadora e o sujeito da narrativa.

2) *Respostas Narrativas*: Ao invés de apenas responder a comentários de forma objetiva, a pesquisadora irá tecer respostas com pequenas narrativas, dialogando com a experiência do narrador e ampliando as nossas reflexões. Isso criaria um ambiente de coautoria, onde os visitantes se sentiriam parte do enredo.

3) *Desafios Narrativos*: Publicar periodicamente desafios em que os leitores sejam convidados a contar histórias a partir de um tema proposto. A cada desafio, as contribuições passariam a compor uma narrativa coletiva, destacando diferentes perspectivas.

4) *Mapa Interativo de Experiências*: Criar um mapa virtual onde os professores possam marcar sua localização e compartilhar um breve relato de suas vivências no

ensino da EF na EF. Isso ajudaria a criar uma *rede visual* de conexões e fortalecer a comunidade.

Essas iniciativas fazem com que o Recurso Educacional proposto neste estudo “permaneça vivo” e se consolide como um verdadeiro espaço formativo e dialógico, onde as narrativas coletivas e a troca de experiências fortaleçam a construção de conhecimento da EF na EI.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M. H. M. B. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **Revista História da Educação**, [S. l.], v. 7, n. 14, p. 79-95, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30223>. Acesso em: 15 jan. 2025.

ALBUQUERQUE, D. I. P.; DEL-MASSO, M. C. S. **Desafios da educação física escolar**: temáticas da formação em serviço no PROEF. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.

ALVES, R. **O Desejo de Ensinar e a Arte de Aprender**. Campinas: Fundação Educar D. Paschoal, 2004. Disponível em <https://www.unijales.edu.br/library/downebook/id:869>. Acesso em: jan. 2024

AYOUB, E. Reflexões sobre a educação física na educação infantil. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, supl. 4, p. 53-60, 2001.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7778365/mod_resource/content/2/O%20Narrador%20-%20Walter%20Benjamin.pdf. Acesso em: 24 jan. 2024.

BONFIETTI, P. E. *et al.* O/a professor/a de educação física na educação infantil. **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 160-176, 2019. DOI: 10.26843/v12.n1.2019.674. p 160-176. Disponível em: <https://publicacoes.unicid.edu.br/ambienteeducacao/article/view/674>. Acesso em: 20 jan. 2024.

BRACHT, V. Cultura corporal, cultura de movimento ou cultura corporal de movimento. In: SOUZA JÚNIOR, M. **Educação Física Escolar**: teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica. Recife: EDUPE, 2005. p. 97-106.

BRAGANÇA, I. F. S. Sobre a escrita de memoriais: Caminhos de transformação. In: SILVA, A. G. *et al.* (orgs.) **Memoriais de formação**: narrativa e autoria no processo formativo docente. São Gonçalo: UERJ/FFP, 2016. p. 10-17.

BRAGANÇA, I. F. S.; SANTANA, R. L. J. **Memoriais, pesquisa formação e modos outros de escrita acadêmica**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. Disponível em: <https://grupopolifonia.wordpress.com/livros/>. Acesso em: out. 2024.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 24 jan. 2025.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto; Secretaria de Educação Fundamental, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf> Acesso em: 24 jan. 2025.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto; Secretaria de Educação Fundamental, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume2.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2024.

BRASIL. Parâmetros básicos de infra-estrutura para instituições de educação infantil. Brasília: Ministério da Educação. 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/eduinfparinfestencarte.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2025.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 anos. Resolução CNE/CEB nº 7**. Brasília: Conselho Nacional de Educação. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12992. Acesso em: 24 jan. 2024.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. In: BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, DICEI, p. 80-101, 2013. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/aceso-a-informacao/media/seb/pdf/d_c_n_educacao_basica_nova.pdf. Acesso em: 24 jan. 2024

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5699440/mod_resource/content/2/BRASIL.%20BNCC_EI_EF_EM_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 25 jan. 2024.

CARDOSO, B. S.; NAKASHIMA, R. H. R. "EU ESTUDO PORQUE É UMA COISA QUE ME DÁ PRAZER, SATISFAÇÃO, GOSTO": a escola em narrativas de professores de Araguaína-TO. **Revista Exitus**, Santarém, v. 10, e020101, 2020. DOI: <https://doi.org/10.24065/2237-9460.2020v10n1id1320>. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-94602020000100272&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 jan. 2025.

CECCHINI, C.; LARICE, B. **Reggio Emilia: A Educação Infantil e as Crianças**. 1. ed. São Paulo: Artmed, 2015.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia de ensino de Educação Física**. São Paulo: Papyrus, 1992.

COSTA, G. E. *et al.* Sim ou não, certo ou errado, pode ou não pode: limite como fator de socialização infantil. In: 3º Congresso de Alfabetização, 2003, Uberlândia. **Caderno de Resumos/Programação**. Uberlândia: Faced/UFU/NUALFA, 2003. p. 84-85.

COSTA, G. E. Atividades motoras e rítmicas: contribuições ao desenvolvimento cognitivo de alunos com 08 anos de idade. *In*: 1º Seminário Regional de Pesquisa das Instituições Integradas de Ensino Superior e Técnico do Pontal do Triângulo Mineiro. **Anais [...]** Ituiutaba: FEIT, 2011. Disponível em: <https://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Atividades-Motoras-e-R%C3%ADtmicas-Contribui%C3%A7%C3%B5es-Ao/31801153.html>. Acesso em: 11 nov. 2024.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/1171>. Acesso em: 10 mar. 2025.

DARIDO, S. C. Educação física na escola: realidade, aspectos legais e possibilidades. *In*: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. **Prograd. Caderno de formação**: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 21-33.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DIAS, A. B. M. **Formação continuada de professores (as) de educação física em Contagem/MG**: narrar a experiência, escrever a aula. 2020. 170 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Belo Horizonte 2020. Disponível em: <http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/DATA/UserFiles/files/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Forma%C3%A7%C3%A3o%20Continuada%20de%20Professoresas%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20F%C3%ADsica%20em%20Contagemmg.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2024.

FARIAS, U. S. *et al.* Análise da produção do conhecimento sobre a Educação Física na Educação Infantil. **Movimento**, [S. l.], v. 25, p. e25058, 2019. DOI: 10.22456/1982-8918.90145. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/90145>. Acesso em: 14 jan. 2025.

FENSTERSEIFER, P. E.; GONZÁLEZ, F. J. **A Escola e a Educação física em sociedades democráticas e republicanas**. São Paulo: AVA Moodle Unesp [Eduotec], 2018. Disponível em: <https://edutec.unesp.br/PROEF/turmall/d3/A%20Escola%20e%20a%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20F%C3%ADsica%20em%20Sociedades%20Democr%C3%A1ticas%20e%20Republicanas.pdf>. Acesso em: jul. 2023.

FERRARI, M. Lawrence Stenhouse, o defensor da pesquisa do dia a dia. **Nova Escola**, 2008. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1720/lawrence-stenhouse-o-defensor-da-pesquisa-do-dia-a-dia>. Acesso em: 24 out. 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro**: teoria e prática da educação física. São Paulo: Scipione, 1997.

FERREIRA, L. H; PRADO, G. V. T; ARAGÃO, A. M. F. A formação do professor por suas narrativas: desafios da docência. **Revista Hipótese**, v. 1, n. 4, p. 204-227, 2015. Disponível em: <https://revistahipotese.editoraiberoamericana.com/revista/article/view/100> . Acesso em: 13 jan. 2025.

FERRONI, C. O.; SOMMERHALDER, A.; ALVES, F. D. Narrativas sobre brincar nas infâncias: contribuições para a formação de professores de infância. **Perspectiva**, v. 39, n. 3, p. 1-21, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2021.e69934>.

GALLAHUE, David L.; OZMUN, John C.; GOODWAY, Jackie D. **Compreendendo o desenvolvimento motor**: bebês, crianças, adolescentes e adultos. LOCAL: AMGH. Editora, 2013.

GOODSON, I. F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. *In*: NÓVOA, A (org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Ed., 1992. p. 64-90.

JOSSO, M. O caminhar para si: uma perspectiva de formação de adultos e de professores. Entrevistador: Margaréte May Berkenbrock-Rosito. **Revista @ambienteeducação**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 136-139, ago./dez. 2009. Disponível em: https://arquivos.cruzeirodosuleducacional.edu.br/principal/old/revista_educacao/pdf/volume_2_2/11_josso.pdf Acesso em: 15 abr. 2024.

JOSSO, M. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Claudino e Julia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994. Disponível em: http://www.educacaofisica.seed.pr.gov.br/arquivos/File/relatos/transformacao_elenor_kunz.pdf Acesso em: set. 2023.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Tradução de Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, Brasília, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 5 maio 2024.

LIBÂNEO, J. C. Educação: Pedagogia e Didática – O campo investigativo da pedagogia e da didática no Brasil: esboço histórico e buscas de identidade epistemológica e profissional. *In*: PIMENTA, S. G. (org.). **Didática e formação de professores: percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 77-129.

LUIZ, C. I. *et al.* Investigação, narrativa e formação continuada de professores de educação física: possibilidades para uma prática colaborativa. 2016. **Journal of**

Physical Education, v. 27, e2721, 2016.
DOI:<https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v27i1.2721>

MARQUES, I. A. **Ensino de dança hoje: textos e contextos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MELLO, A. S. *et al.* A educação infantil na Base Nacional Comum Curricular: pressupostos e interfaces com a Educação Física. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 130-149, 2016. DOI: 10.5007/2175-8042.2016v28n48p130. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2016v28n48p130>. Acesso em: 27 out. 2024.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. **Currículo Referência de Minas Gerais: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Belo Horizonte: SEE/MG, 2018.

MOURA, D. L.; COSTA, K. R. N.; ANTUNES, M. M. Educação Física e Educação Infantil: uma análise em seis periódicos nacionais. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 19, n. 1, p.189-195, 2016. DOI: 10.5216/rpp.v19i1.34061. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/feff/article/view/34061>. Acesso em: 14 jan. 2025.

MUNIZ, N. P.; ARAÚJO, C. G. Dança no contexto de Isabel Marques: algumas questões sobre dança e seus conteúdos no ensino formal. **Revista Científica/FAP**, Curitiba, v. 25, n. 2, p. 56-71, 2021. DOI: 10.33871/19805071.2021.25.2.4104. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/revistacientifica/article/view/4104>. Acesso em: 16 jan. 2025.

NASCIMENTO, P. A. G.; MIAZAKI, V. K.; MELO, N. A. Ituiutaba (MG): dinâmica da produção do espaço urbano e a habitação popular. **Revista Geoaraguaia**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 90-115, 2012. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/geo/article/view/4816>. Acesso em: 16 jan. 2025.

NEIRA, M. G. Incoerências e inconsistências da BNCC de Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 40, n. 3, p. 215-223, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2018.04.001>.

NÓVOA, A. **Os professores e a sua formação**. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1992. Disponível em: https://repositorio.ulisboa.pt/bitstream/10451/4758/1/FPPD_A_Novoa.pdf. Acesso em: 16 jan. 2025.

PASSEGGI, M. C. S.; SOUZA, E. C.; VICENTINI, P. P. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto) biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, v. 34, n. 2, p. 369-386, 2011. Tradução. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0102-46982011000100017>. Acesso em: 13 jan. 2024.

PRADO, G. V. T.; SOLIGO, R.; SIMAS, V. F. Fontes de informações, registros investigativos e modos de produção de conhecimentos: uma compreensão da

pesquisa narrativa articulada em três dimensões. **Revista de Educación**, ano XIII, n. 25, p. 101-118, 2010. Disponível em: https://fh.mdp.edu.ar/revistas/index.php/r_educ/article/view/5831. Acesso em: 15 out. 2024.

PERINI, R.; BRACHT, V. Os saberes docentes dos professores de educação física na educação infantil de Serra/ES. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 19, n. 4, p. 953-963, 2016. DOI: 10.5216/rpp. V 19i4.4175. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/41753>. Acesso em: 26 ago. 2023.

SAYÃO, D. T. Educação física na educação infantil: riscos, conflitos e controvérsias. **Motrivivência**, v. 11, n. 13, p. 221-238, 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/14408/13211> Acesso em: 13 ago. 2023.

SILVA, A. G. S. *et al.* **Memoriais de formação**: narrativa e autoria no processo formativo docente. São Gonçalo: Faculdade de Formação de Professores FFP/UERJ, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://grupopolifonia.wordpress.com/wp-content/uploads/2020/12/memoriais-de-formacao-narrativa-e-autoria-no-processo-formativo-docente-2016-.pdf>. Acesso em: nov. 2024.

ULLMANN, Lisa. Prefácio à 2ª edição. In: LABAN, Rudolf. **Domínio do movimento**. 5.ed. Edição organizada por Lisa Ullmann [tradução: Anna Maria Barros De Vecchi e Maria Sílvia Mourão Netto]. São Paulo: Summus, 1978. p. 268.

ZAMPIERI, Elisângela. Reflexões sobre a Escola. **Sobre Educação**, 26 de dezembro de 2007. Disponível em: <https://sobreeduacao.blogspot.com/2007/12/reflexes-sobre-escola.html> Acesso em: 30 de out. 2024.

ZANOTTO, L.; ALVES, F. D.; JANUÁRIO, C. A base de conhecimentos de professores de educação física na pré-escola: o conhecimento do sujeito e o conhecimento do conteúdo. **Revista Didática Sistemica**, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 51-68, 2022. DOI: 10.14295/rds. v23i1.12598. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/12598>. Acesso em: 15 jan. 2025.

Narrativas que transformam:

REFLEXÕES E PRÁTICAS DE PROFESSORES/AS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

GRACIELA EURIDES COSTA

LUANA ZANOTTO

FEFD
ENCUADRO DE
INVESTIGACIÓN Y DIDACTICA



UFG
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS



Narrativas que transformam:

**REFLEXÕES E PRÁTICAS DE
PROFESSORES/AS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**GRACIELA EURIDES COSTA
LUANA ZANOTTO**

FEFD
ENCUADRO DE
LÍNGUA PORTUGUESA E DANÇA



UFG
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS





UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE
NACIONAL

NARRATIVAS QUE TRANSFORMAM: REFLEXÕES PRÁTICAS DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

REALIZAÇÃO

EXECUÇÃO

GRACIELA EURIDES COSTA

SUPERVISÃO GERAL

LUANA ZANOTO

ILUSTRAÇÕES

Obras de Ivan Cruz

Disponíveis no Site:

<https://www.ivancruz.com.br/>

DESING SITE

Graciela Eurides Costa.

GOIÂNIA/GO
2025



Programa de Mestrado Profissional PROEF - Educação Física em Rede Nacional

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Costa, Graciela Eurides
NARRATIVAS QUE TRANSFORMAM: REFLEXÕES PRÁTICAS DE
PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL
[manuscrito] / Graciela Eurides Costa. - 2025.
XIII, 13 f.: il.

Orientador: Prof. Luana Zanotto.
Produto Educacional (Stricto Sensu) - Universidade Federal de
Goiás, Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD), Programa de Pós
Graduação em Educação Física em rede, Goiânia, 2025.

1. Educação Física escolar; . 2. Educação Infantil. 3. Narrativa
autobiográfica;. 4. Formação docente. I. Zanotto, Luana, orient. II. Título.

CDU 796

Referência da Dissertação:

COSTA, Graciela Eurides. Narrativas Autobiográficas e a Formação de Professores/as de Educação Física na Educação Infantil. Orientador: Luana Zanotto. 2025. 102 f: il..
Dissertação (Mestrado Profissional PROEF - Educação Física em Rede Nacional) – UFG-
Universidade Federal de Goiás e FEFD- Faculdade de Educação Física e Dança Campus de
Goiânia- Goiás, 2025.

Sumário

1 APRESENTAÇÃO	6
2 SEQUÊNCIA DIDÁTICA DO SITE.....	7
3 APRIMORAMENTO E FUTURO DO SITE	8
4 APRESENTAÇÃO	8
5 REFERÊNCIAS	11

1 APRESENTAÇÃO

No contexto do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF), é necessário que os participantes desenvolvam um Produto Educacional relacionado à pesquisa de campo realizada durante sua prática docente em escolas públicas brasileiras. Este produto tem como objetivo fornecer soluções práticas e aplicáveis para os desafios encontrados em sala de aula, promovendo mudanças nas metodologias de ensino e aprendizagem.

Retorno aqui ao ponto de partida, onde a escrita autobiográfica se revelou como um caminho essencial para compreender e ressignificar minha trajetória profissional na Educação Física, particularmente na Educação Infantil. Este trabalho não é apenas um relato de eventos, mas uma análise crítica da minha formação e prática docente, embasada em princípios teóricos fundamentais.

A partir da revisitação de minha caminhada profissional, pude reconstruir não apenas minha prática, mas também minha identidade como professora e pesquisadora. De acordo com Freire (1996), o professor é, antes de tudo, um pesquisador de sua prática, e esse papel se concretiza na medida em que reflete criticamente sobre sua atuação. Assim, a escrita autobiográfica proporcionou uma oportunidade única para refletir sobre minha profissão, resgatando memórias, fotos, vídeos e registros pessoais para analisar as dificuldades, aprendizados e conquistas vividas.

A EF na EI historicamente enfrenta desafios em termos de inserção, reconhecimento e prática efetiva. Autores como Darido e Rangel (2005) destacam que, apesar das dificuldades, a Educação Física tem um papel fundamental no desenvolvimento integral da criança, especialmente no que se refere à ludicidade, à socialização e ao conhecimento do corpo como parte de um processo cultural.

No contexto da pesquisa intitulada *Narrativas autobiográficas e a formação de professores e professoras de educação física na educação infantil*, foi desenvolvido um site interativo denominado *Narrativas que Transformam*, que se propõe a ser um espaço formativo e colaborativo para professores de Educação Física na Educação Infantil. Essa plataforma digital promove o compartilhamento de narrativas e de experiências profissionais, com o objetivo de fomentar reflexões críticas, autoavaliações e o aprimoramento contínuo das práticas pedagógicas.

2 SEQUÊNCIA DIDÁTICA DO SITE

A interatividade do site é estruturada a partir de um Padlet, que funciona como um espaço interativo para debates e reflexões. Dentro dessa plataforma, os professores são convidados a participar respondendo a perguntas norteadoras distribuídas em quatro cards:

1. **A Educação Física como meio de conexão com o mundo da educação infantil**

- Pergunta norteadora: "Ao explorar as experiências formativas que marcaram o seu processo de desenvolvimento profissional como professor de Educação Física, quais desafios, aprendizagens e influências você consegue narrar?"

2. **A Educação Física e sua presença na Educação Infantil**

- Pergunta norteadora: "Como você percebe a influência da formação acadêmica inicial e da formação continuada na atuação de professores de Educação Física na Educação Infantil?"

3. **Aspectos essenciais na trajetória docente**

- Pergunta norteadora: "Quais devem ser os aspectos considerados na trajetória de formação e na atuação do professor de Educação Física na Educação Infantil?"

4. **Diálogo com o autor: Reflexão crítica da prática**

- Apresenta a seguinte citação:

"Afim, não é somente por ter produzido as narrativas sobre a minha prática docente, partilhá-las e voltar a tudo isso que essa pesquisa ocorre, mas também, e principalmente, ao escrever esse registro, ao olhar novamente para as informações e ver o que agora - desse outro lugar em que estou - posso perceber e antes não percebia, ao construir novos sentidos, outras compreensões para o vivido, e ao teorizá-lo" (Prado; Soligo; Simas, 2010, p. 110).

- Pergunta norteadora: "Como você percebe esse movimento de análise da sua prática docente? De parar para refletir, se auto avaliar e teorizar sobre sua vivência?"

Essas interações estiveram disponíveis no *Padlet*, permitindo que os participantes contribuíssem conforme se sentissem mais confortáveis.

3 APRIMORAMENTO E FUTURO DO SITE

O site passou por reformulações com base nas sugestões dos professores participantes. Foram incorporadas explicações sobre o PROEF, materiais produzidos durante as disciplinas do programa, vídeos do YouTube com sugestões de aulas e informações sobre o primeiro produto educacional elaborado.

Futuramente, há intenção de expandir o site com as seguintes iniciativas:

- **Espaço "Conte sua História":** Seção onde os visitantes possam compartilhar suas narrativas.
- **Respostas Narrativas:** Respostas mais elaboradas e reflexivas por parte da autora.
- **Desafios Narrativos:** Propostas periódicas de histórias sobre temas específicos.
- **Mapa Interativo de Experiências:** Professores podem marcar suas localizações e compartilhar breves relatos.

Assim, "Narrativas que Transformam" se consolida como um espaço formativo e dialógico, fortalecendo a construção do conhecimento da Educação Física na Educação Infantil e promovendo a valorização das histórias e experiências docentes.

4 APRESENTAÇÃO

Este trabalho nasce das inquietudes vivenciadas ao longo da minha trajetória profissional como professora de Educação Física na Educação Infantil. Essas inquietações emergem principalmente de situações concretas do cotidiano escolar que suscitaram reflexões críticas sobre a prática docente e sobre os desafios enfrentados nesse contexto educativo. Também se destaca a valorização da Educação Física na Educação Infantil, espaço no qual muitas vezes essa área do saber é vista como um momento de *brincadeira livre* ou como simples gasto de energia das crianças, desconsiderando o seu potencial pedagógico para a formação integral dos alunos. Essa percepção despertou em mim o desejo de aprofundar o entendimento e o reconhecimento da importância da Educação Física na primeira etapa da Educação Básica, considerando o seu papel no desenvolvimento motor, social, emocional e cognitivo das crianças de zero a 5 anos e 11 meses de idade.

Meu nome é Graciela Eurides Costa, mas pode me chamar de Grazi, Tia Gra, Graci, Ciela. Concluindo: é uma mesma pessoa, mas que atende por diferentes formas carinhosas. Sou filha de Valdivina Eurides Costa e irmã de Graciana Costa, sou natural de Goiânia/GO. Mãe da Emilly e do Erick esposa do Edson.

O início da minha trajetória com a educação se deu aos 14 anos de idade. Sou professora desde a minha adolescência. No entanto, aos poucos, conquistei meus espaços e realizei trabalhos significativos em diversas frentes, como na inclusão, na indisciplina, na psicomotricidade e em cargos de gestão escolar. Acredito que esses espaços foram oportunizados pela minha postura, minha prática, minha docência e minha história, que foram se constituindo ao longo dos anos e trouxeram para as escolas uma Educação Física na Educação Infantil baseada na ação, na reflexão e na ação, que se dão simultaneamente.

Ao revisitar minhas experiências para compreender a minha trajetória de vida e de formação, busquei, por meio do memorial, reencontrar as diversas versões de mim mesma. Ao narrar e refletir, percebo como os aspectos críticos da Educação Física foram se consolidando em minha prática, fundamentados na compreensão de que a Educação Física é uma ferramenta essencial para explorar, experimentar e descobrir.

Quando narro minha trajetória e pesquisa, estou fazendo um movimento reflexivo que problematiza o campo da Educação Física na Educação Infantil, situando-me no viés crítico. Ou seja, minha pesquisa não é neutra: eu sou uma pesquisadora inserida no campo crítico da EF, dialogando com a tradição da perspectiva histórico-crítica e da pedagogia crítico-superadora. Esse posicionamento reforça que minha narrativa autobiográfica não é apenas uma história pessoal, mas um instrumento de análise e transformação das práticas pedagógicas.

Ao revisitar a minha trajetória de vida e formação docente, questiono como essa narrativa autobiográfica pode despertar em outros leitores e colegas reflexões que estavam adormecidas, provocando um movimento de reavaliação. A escrita de memórias e o método autobiográfico, como Nóvoa (1992) destaca, permitem ao professor reapropriar-se de sua história, dando novo significado às experiências vividas e promovendo um ciclo contínuo de aprendizado e de autotransformação.

Dessa maneira, esta dissertação reafirma a relevância das narrativas autobiográficas como um instrumento fundamental para compreender, ressignificar e fortalecer a prática pedagógica, promovendo uma atuação mais consciente, intencional e alinhada com os desafios e potencialidades da Educação Física na Educação Infantil. Ao compartilhar minha trajetória e

reflexões, almejo contribuir para a valorização desse campo e para a construção de uma educação mais crítica e significativa para as crianças.

Graciela Eurides Costa

- Licenciatura em Normal Superior
- Bacharel e Licenciada em Educação Física
- Especialista em Supervisão Escolar; Psicomotricidade, Neuropsicomotricidade
- Capacitação em Intervenção em ponta de pé TEA
- Mestranda PROEF – Polo FEFD- UFG
- Professora da Rede Pública Municipal de Ituiutaba/MG
- Assistente Terapêutica Psicomotricista no Instituto Terapêutico Ligia Maria- Análise do Comportamento Aplicada
- *Email: costa6702@gmail.com*

5 REFERÊNCIAS

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. *Educação Física na Educação Infantil e Ensino Fundamental*. Guanabara Koogan, 2005.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. Paz e Terra, 1996.

NÓVOA, A. *Os Professores e sua Formação*. Dom Quixote, 1992.

PRADO, C. A.; SOLIGO, R.; SIMAS, J. *Narrativas e Formação Docente: Entre a Experiência e a Pesquisa*. Edufu, 2010.

Narrativas

Início

Educação Física na Educação Infantil

Padlet: Reflexões Impactantes

Inspiração

Conteúdos Mestrado Profissional em Educação Física - ProEF

Sobre a Pesquisa



Narrativas que transformam: REFLEXÕES E PRÁTICAS DE PROFESSORES/AS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Padlet

Graciela Costa - #TIAGRA • 1M

Narrativas que Transformam

Entre neste Padlet para que possamos interagir.

Contribuir como convidado
Quirky Finch

Fixado

Graciela Costa - #TIAGRA
há 4 meses

Graciela Costa #TIAGRA

12

Adicionar comentário

Graciela Costa - #TIAGRA
há 4 meses

A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO MEIO DE CONEXÃO COM O MUNDO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ao explorar as experiências formativas que marcaram o seu processo de desenvolvimento profissional como professor/a de Educação Física e as conexões na Educação Infantil, quais os desafios, aprendizagens e influências você consegue narrar? Escreva um pouco.

10

Graciela Costa - #TIAGRA
há 4 meses

A EDUCAÇÃO FÍSICA E SUA PRESENÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Presença

Como é na sua visão a presença da Educação Física na Educação Infantil levando em consideração a seguinte questão: Qual é a influência da formação acadêmica inicial e da formação continuada na atuação de professores de Educação Física na Educação Infantil?

9

Flávio

Graciela Costa - #TIAGRA
há 4 meses

EDUCAÇÃO FÍSICA E A PRESENÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Segundo suas vivências e experiências, e de acordo com o que você pensa, quais devem ser os aspectos a serem considerados na trajetória do professor de Educação Física nessa etapa da Educação Infantil?

7

Graciela Costa - #TIAGRA
há 4 meses

DÍALOGO COM O AUTOR:

Segundo o autor Prado, 2010, p.110:

"Finalmente, não é somente por ter produzido as narrativas sobre a minha prática docente, partilhá-las e voltar a tudo isso que essa pesquisa ocorre, mas também, e principalmente, ao escrever esse registro, ao olhar novamente para as informações e ver o que agora – desse outro lugar em que estou – posso perceber e antes não percebia, ao construir novos sentidos, outras compreensões para o vivido, e ao teorizá-lo."